

F.E.B. – Verás que um filho teu não foge à luta

Analice Sauerbronn Reina

AGRADECIMENTOS:

Obrigada Senhor por me capacitar e permitir que essa pesquisa se tornasse possível.

Obrigada a todos que colaboraram para que esse livro reportagem se concretizasse seja com entrevistas, material de pesquisa, contatos, divulgação, revisão ou apoio ao projeto.

Meus sinceros agradecimentos para Guaraci Alfredo, Justino Alfredo, Osvaldo Birochi e Major Elza Cansação de Medeiros (in memorian), Hernani Maia e Edmar Yuta.

Obrigada a minha família, especialmente a minha mãe Ana Maria Sauerbronn de Almeida por sempre me apoiar, me amar e ser absolutamente incrível. Obrigada Luiz Miguel Reina, Lucília, Luiz Carlos Reina, Gabriel Reina, Nice Azevedo Marques, Amauri Pereira Marques, Ronaldo Azevedo Marques, Carlos Lopes, Warly Sauerbronn Amstalden, Francisco José Amstalden (in memorian), Henrique Sauerbronn (in memorian), Alvina Storani Sauerbronn (in memorian) e obrigada principalmente a Luiz Henrique Sauerbronn de Almeida Reina Pereira da Silva.

Toda minha gratidão aos amigos, Maraísa Paola Bueno de Paiva Gomes Conti, Krystian Conti, Gustavo Camargo, Talita Scarparo, Tainá Missola Hernandez, Derek Destito Vertino, Lícínia Lee, David Dias, Raffaella Duchi, Phellipe Böy Marran, Rachel Alencar, Agnes Alencar, Paula Freitas, Lucas Camilo, Carlos Pantaleão, Renata Diniz, Marina Bellini, Andrezza Gonçalves, Daniela Camargo, Durval Junior, Maria Olívia Trench Espíndola e Márcia Carolina de Araújo Madeira.

*Em memória de Waldemar
Soares de Almeida, a razão de
toda essa pesquisa. Toda
minha admiração e meu amor.*



Introdução:

Este livro reportagem visa contar a história da Força Expedicionária Brasileira desde sua formação, que se deu de maneira apressada, até as consequências da desmobilização dos soldados e as medidas (ou falta delas) de inserir esses combatentes de volta à sociedade.

A análise da participação brasileira no confronto mais sangrento da história contemporânea, a Segunda Guerra Mundial, será feita a partir do relato das figuras que fizeram a participação efetiva no confronto, ou seja, os combatentes e também com apoio bibliográfico de dados do Exército Brasileiro e outras fontes.

Mesmo com uma cultura de paz e de não agressão o Brasil foi o único país da América Latina a participar de maneira efetiva da segunda guerra. Um dos objetivos deste livro é mostrar por qual razão o Brasil se envolveu no conflito e quais foram as consequências dessa inserção. O que o Brasil ganhou mandando para o teatro de operações na Itália 25.334 homens para combater em condições tão adversas como o frio com o qual os brasileiros não estavam familiarizados.

Contar qual é a condição dos soldados é também resgatar a memória e história deles.

A análise se dará desde o início da entrada no Brasil na guerra até os dias de hoje onde monumentos aos pracinhas brasileiros são depredados e a história desses homens esquecida.

O Brasil e as relações internacionais durante o Estado Novo

Durante o regime autoritário do governo Vargas o Brasil passava por um momento de modernização e desenvolvimento econômico. Essa política econômico-financeira adotada pelo Estado Novo visava entre outras coisas, altos investimentos na indústria de aço e petróleo.

Uma dessas indústrias de base que foram feitas na época é a CSN, Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, Rio de Janeiro. A implantação e constituição da Usina ficaram definidas em julho de 1940, toda ela financiada por créditos americanos, segundo relata o historiador brasileiro Boris Fausto.

A implantação da Usina de Volta Redonda ter sido possível a partir de capital estadunidense (um empréstimo de US\$20 milhões) acaba aproximando cada vez mais o Brasil e os Estados Unidos, e essa aproximação se deu por que devido à crise político-militar mundial e também ao fato de os Estados Unidos emergirem como potência no período.

No entanto os Estados Unidos não era o único país a emergir como potência. A Alemanha nazista também tinha crescido muito no mesmo período e vinha disseminando sua política ideológica e a competição com os demais países.

Com as duas potências no cenário mundial, o Brasil por sua vez negociava com o país que lhe oferecesse as melhores condições, tirando vantagem da competição entre as duas nações. Acordos foram fechados com as duas nações. Com a Alemanha, firmou-se em 1936 um acordo para a exportação de algodão, café, cítricos, entre outros produtos. A relação comercial entre os dois países era significativa, o que era tido como vantagem para quem acreditava que o Brasil deveria passar por modernização e industrialização.

A relação comercial, no entanto, gerava também algumas preocupações. Segundo Boris Fausto, o Reich insistiu sempre no comércio em moeda não-conversível, os chamados “marcos de compensação” (preços estabelecidos para diferentes mercadorias que serão trocadas ao invés de pagas em dinheiro são trocadas e estipulados valores de troca para as mesmas) procurando transformar as transações com o Brasil em acordos bilaterais que afastassem outros concorrentes. Os representantes

alemães buscavam controlar todo o comércio, impondo quotas, preço para os produtos e o valor de seus marcos de compensação.

Dado esse panorama comercial os Estados Unidos ficaram entre a pressão e a cautela. Houve quem defendesse por parte dos Estados Unidos ações em represálias contra o Brasil, que vinha estreitando os laços comerciais com a Alemanha, mas isso não aconteceu.

Em 1938 esse cenário irá mudar radicalmente. O Estado Novo passou a combater radicalmente os grupos nazistas que se encontravam no Sul do Brasil e o embaixador da Alemanha teve que deixar o país, pois foi declarado pelo governo brasileiro como *persona non grata*.

A entrada dos EUA na segunda guerra mundial forçou o Estado Novo a definir os rumos da política externa brasileira. A relação comercial, política e econômica entre o Brasil e os EUA já era grande e Vargas vinha insistindo na melhora do equipamento militar do Brasil. E então o Brasil ofereceu seu apoio aos EUA desde que esse oferecesse apoio econômico, por meio de financiamento para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional; e militar, que era o reequipamento e a modernização das forças armadas.

Acordo feito, e em dezembro de 1941 tropas estadunidenses vieram para o Brasil, com permissão do governo brasileiro e estacionaram no Nordeste. Em maio de 1942, os dois países assinam secretamente um novo acordo, dessa vez de caráter político-militar.

Com a Aliança Brasil-Estados Unidos, o Brasil recebeu 1288 aeronaves, investimentos diversificados e uma base aérea, a base localizada em Natal, chamada de Base de Parnamirim ou “Parnamirim Field”.

A base de Natal, construída pelo governo dos Estados Unidos tinha importância estratégica durante a guerra, uma vez que poderia levar mantimentos para o teatro de operações, e ser um local de pouso, se necessário, além de poder ser uma espécie de alojamento para os oficiais estadunidenses. Era a construção do que ficou conhecido posteriormente como “trampolim para a vitória” segundo expressão do ex-presidente dos EUA Franklin Roosevelt que reconheceu a importância das aeronaves saídas da Flórida poderem parar em Natal e de lá para Dakar. A partir de Dakar poder abastecer e atingir todo o teatro de operações na Europa e também era o melhor caminho para chegar à Europa a partir da América do Sul. Essa importância geográfica estratégica foi reconhecida pelos aviadores, os quais afirmavam que sem a base de Natal seria

impossível o desembarque estadunidense no norte da África e o prosseguimento para outras campanhas importantes, como a da Tunísia.

Apesar de a base já existir antes da Segunda Guerra, a base aérea só teve a extensão e importância que teve depois que os Estados Unidos investiram para a ampliação da “Base de Parnamirim”. Depois da intervenção estadunidense, ela tinha mais de 700 edificações e era capaz de suportar o trânsito diário de 400 a 600 aeronaves. O local contava ainda com uma capela, construída durante a Segunda Guerra, um prédio de comando da base aérea, pistas de pouso, cassino de oficiais, hospital, cinema, hangares, restaurantes, estações de rádios.

Segundo dados do Exército brasileiro a aeronáutica ampliou as bases que mantinha no Nordeste. Ampliaram-se as bases de Recife e Salvador e instalou as bases aéreas de Natal, Fortaleza e Belém. O Exército, que, ao começo do conflito mantinha o efetivos de cerca de 6.000 homens, elevou o número para 50.000 homens, ocupando a ilha de Fernando de Noronha e vários outros pontos do litoral. Foi criado então o Teatro de Operações do Nordeste cujo comando ficou a cargo do general de divisão Estevão Leitão de Carvalho.

Após os ataques a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, Washington convocou uma reunião de chanceleres para decidir qual seriam as posições dos países em relação à guerra. A “II Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas” aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no palácio Tiradentes, e durou de 15 a 28 de janeiro. A reunião tinha como objetivo o rompimento das relações de todos os países americanos com o Eixo, mas Argentina e Chile se recusaram então o que foi aprovado foi apenas uma recomendação de rompimento diplomático. Outras decisões foram tomadas durante a reunião, como o fornecimento de matéria-prima por parte dos países latino-americanos aos Estados Unidos, e ao fim da reunião o Brasil finalmente declarou o rompimento de suas relações diplomáticas com os países do Eixo.



Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, discursando na III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas declarando o rompimento das relações diplomáticas por parte do Brasil para com os países do Eixo.

Com o rompimento das relações diplomáticas e o acordo econômico, o Brasil deveria receber dos EUA equipamentos militares, mas a entrega dos equipamentos estava demorando, pois havia indícios de simpatia de alguns oficiais brasileiros ao Eixo. A dúvida quanto o “lado” adotado pelo Brasil foi superada quando começaram os ataques aos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães. Mesmo tendo rompido relações com a Alemanha o Brasil ainda não havia declarado guerra aos nazistas até aquele momento. Mas os ataques feitos aos navios brasileiros foram considerados pela opinião pública e governo do país um ultraje à soberania nacional, e a postura de neutralidade foi abandonada.

O Brasil é atacado

O homem no comando dos ataques aos navios brasileiros



O Capitão Harro Schacht, alemão, foi o comandante do submarino U-507 responsável pelos ataques aos navios mercantes brasileiros. A carreira naval de Schacht durou de abril de 1926 a 13 de janeiro de 1943, quando foi morto em um torpedeamento feito por cargas de profundidade proveniente da “US Catalina aircraft” (aviação da Marinha dos EUA) que bombardeou seu submarino nas águas do Atlântico Sul mais precisamente a noroeste aniquilando toda a sua tripulação, 54 passageiros.

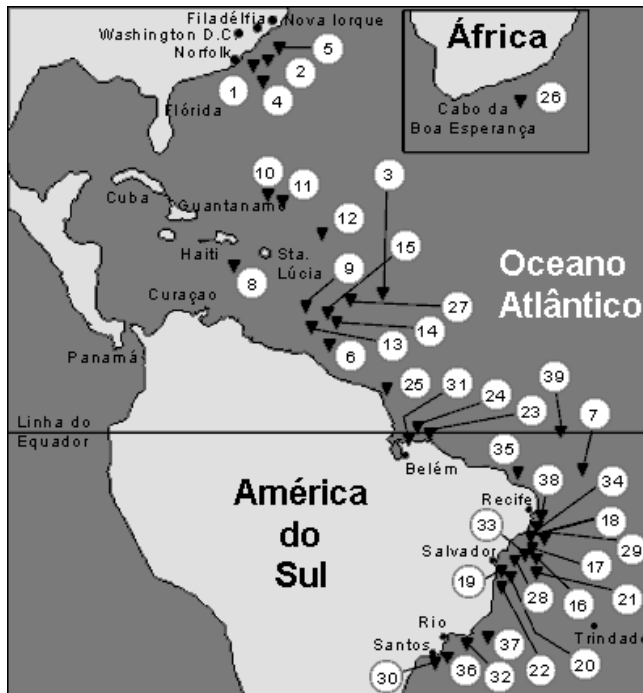
O U-507, submarino utilizado pelo capitão tem em sua história o afundamento de 19 navios, totalizando 77.144 ton. e danificando outro navio de 6.561 ton.

Ambos ataques aconteceram na costa do Brasil, mais precisamente no nordeste do país. Além desses ataques na costa brasileira, outros 30 navios mercantes nacionais foram atacados em águas estrangeiras, o que levou mais de mil e quinhentas vidas de brasileiros pelos ataques submarinos alemães.

Após o ataque à Pearl Harbor e a entrada dos Estados Unidos na segunda guerra, o Brasil na reunião de consulta dos ministros das relações exteriores das repúblicas americanas rompeu relações com os países do Eixo; Itália, Alemanha e Japão. Depois da tomada de decisão brasileira em apoio aos Estados Unidos, navios mercantes brasileiros passaram a ser atacados em represália a postura adotada.

Na noite de 16 de agosto de 1942, um sábado, um submarino alemão, o *U-507*, comandado pelo capitão Harro Schacht, torpedeou o navio brasileiro *Baependy*, matando 270 pessoas e torpedeou também outro navio brasileiro, o *Araraquara*. Já na mesma madrugada, outro navio foi atacado, o *Aníbal Benévolo*.

MAPA GERAL DOS ATAQUES:



Mapa dos torpedeamentos alemães aos navios brasileiros nas águas de todo o mundo. Ataques numerados por ordem de execução.

(Obs: África está deslocada no mapa para melhor exemplificação)

Confira em anexo (final do livro) a tabela dos afundamentos com o nome do navio, as coordenadas marítimas, data e hora dos afundamentos.

O SUBMARINO UTILIZADO PARA TORPEDEAR OS NAVIOS BRASILEIROS NAS ÁGUAS DE TODO O MUNDO

O submarino alemão U-boat 507 foi fabricado pela Alemanha em 1941. Ele tinha capacidade para abrigar uma tripulação de 54 pessoas, pesava 1.232 toneladas quando submerso (na profundidade máxima de 230 metros) e era capaz de atingir a velocidade de 34 km/hora. Além disso, o submarino transportava em seu convés até 22 torpedos.

Em decorrência aos ataques aos navios mercantes brasileiros, o Brasil que já



havia rompido às relações diplomáticas com os países do Eixo em resposta a entrada dos EUA na guerra, resolve então participar ativamente do conflito formando um corpo expedicionário e enviando seus soldados ao solo italiano para combater o nazi-fascismo.

Quando as notícias dos afundamentos dos navios brasileiros em nossa costa chegaram ao conhecimento da população por meio dos maiores jornais da época como *O GLOBO* (foto), em agosto de 1942, a opinião pública pediu que tivesse algum tipo de reação do governo brasileiro contra o que foi chamado de “ataque a integridade nacional” e aconteceram também manifestações anti germânicas em algumas capitais brasileiras. Segundo Joaquim Xavier da Silveira em “A F.E.B. por um soldado”, bens dos países do Eixo foram depredados por uma parte da população que estava enfurecida com os ataques, além de multidões que foram protestar e pedir providências por parte do governo brasileiro em frente ao Palácio do Catete no Rio de Janeiro. Mais de trinta navios mercantes brasileiros haviam sido atacados e mais de mil e quinhentas vidas de brasileiros haviam sido ceifadas pelos então nazistas alemães por meio de seus ataques submarinos.

A opinião pública e estudantes se manifestaram para que o governo brasileiro tomasse uma atitude e isso foi feito.

Dezesseis dias após os torpedeamentos o Brasil declarou guerra às forças nazistas e fascistas (Alemanha e Itália).

O então Presidente da República, Getúlio Vargas, no dia 31 de agosto de 1942, baixou o seguinte decreto:

DECRETO N. 10.358 — DE 31 DE AGOSTO DE 1942

Declara o estado de guerra em todo o território nacional

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra "k", e o artigo 171 da Constituição, decreta:

Art. 1.º E' declarado estado de guerra em todo o território nacional.

Art. 2.º Na vigência do estado de guerra deixam de vigorar desde já as seguintes partes da Constituição:

Art. 122, ns. 2, 6, 8, 9, 10, 11, 14 e 16;

Art. 122, n. 13, no que diz respeito à irretroatividade da lei penal;

Art. 122, n. 15, no que concerne ao direito de manifestação de pensamento;

Art. 136, final da alínea;

Art. 137;

Art. 138;

Art. 156, letras "c" e "h";

Art. 175, primeira parte, no que concerne ao curso do prazo (*).

Parágrafo único — Ressalvados os atos decorrentes de delegação para a execução do estado de emergência declarado no artigo 166 da Constituição, só o Presidente da República tem o poder de, diretamente ou por delegação expressa, praticar atos fundados nesta lei.

8

LEGISLAÇÃO DE GUERRA

Art. 3.º O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1942, 121.ª da Independência e 54.ª da República.

GETULIO VARGAS.

Alexandre Marcondes Filho.

A. de Souza Costa.

Eurico G. Dutra.

Henrique A. Guilhem.

João de Mendonça Lima.

Oswaldo Aranha.

Apolonio Salles.

Gustavo Capanema.

J. P. Salgado Filho.

("D. O." de 1-9-42).

O decreto 10.358 declara o Estado de Guerra em todo o território nacional e com isso alterações na legislação foram feitas no intuito de defender o Brasil.

Após a declaração de guerra, o Brasil se tornou o único país da América Latina a participar efetivamente da segunda guerra mundial. E também foi o único país da América Latina a ser atacado pelas forças nazi-fascistas.



Capa do jornal “O Globo” que anuncia o reconhecimento brasileiro ao Estado de beligerância contra o Eixo.

A formação da Força Expedicionária Brasileira

Após o decreto do estado de guerra feito por Getúlio Vargas, as atitudes brasileiras não se limitaram a proteger a costa atacada pelos submarinos alemães e a conceder as bases militares de Natal para os estadunidenses. O governo resolveu formar a Força Expedicionária Brasileira para integrar e colaborar com o 4º corpo do 5º exército americano no combate contra as forças nazi-fascistas na Itália.

Para combater na Europa, o Brasil e suas tropas precisariam de armamento e treinamento militar e todo o contingente que o país possuía estava desatualizado e com problemas, o que teoricamente o impediria de participar de missões dessa amplitude. A aliança com o 5º exército americano, portanto, seria imprescindível. Os estadunidenses colaboraram na formação da F.E.B. com armamento e treinamento dos militares brasileiros. Além disso, enviaram ao Brasil oficiais para dar instruções no campo de instrução de tiro Gericinó, no Rio de Janeiro, onde a F.E.B. fez sua preparação por mais de um ano.

Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, no dia 09 de agosto de 1943, escolheu o general João Batista Mascarenhas de Moraes, então comandante da 2ª Região Militar de São Paulo, para comandar a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. (1ª D.I.E.), uma vez que a Força Expedicionária Brasileira deveria ser composta por três regimentos: o 1º Regimento de Infantaria (1º R.I.) do Rio de Janeiro conhecido como “Regimento Sampaio”, o 6º Regimento de Infantaria de Caçapava e o 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei. Dutra ainda iria aos E.U.A. com uma carta de Getúlio Vargas para o presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, na qual o governo brasileiro manifestava o desejo de participar ativamente do conflito.

A Portaria Ministerial, publicada em 13 de agosto de 1943, em caráter sigiloso, sob o número 4.744, foi estruturada a Força Expedicionária Brasileira. Oficialmente a F.E.B. é criada em 23 de novembro de 1943.

No início de 1943, a cargo da Diretoria de Saúde Exército brasileiro, ficou a escolha dos combatentes brasileiros que iriam atuar no teatro de operações na Itália. A idéia era selecionar cerca de 200 mil homens no prazo de 90 dias. Por uma série de problemas, essa meta foi modificada. O número de combatentes escolhidos caiu para 100 mil homens em um prazo maior. No entanto, do número inicial que se esperava mobilizar (100 mil homens), apenas 25.334 foram convocados. Segundo dados oficiais, o contingente da Força Expedicionária Brasileira que oficialmente foi de 25.334 homens, 465 foram mortos em combate ou em operações, 2.722 foram feridos, 35 foram feitos prisioneiros e 16 desapareceram. Esses mais de 25 mil homens brasileiros em combate, fizeram 2 generais, 892 oficiais e 19.689 pracinhas como seus prisioneiros, além de 80 canhões, 5.000 viaturas e 4.000 cavalos apreendidos dos inimigos. No entanto, esses mais de 25 mil homens brasileiros em combate, fizeram 2 generais, 892 oficiais e 19.689 pracinhas como seus prisioneiros, além de 80 canhões, 5.000 viaturas e 4.000 cavalos apreendidos dos inimigos. A perda de vidas dos pracinhas brasileiros foi muito grande. O número de soldados que tombaram na Itália é um número muito alto em comparação com qualquer exército. Em batalhas como as ocorridas nas cidades de Montese e Monte Castelo, de pelotões com mais de 40 homens, sobreviviam em média 12 homens.

A entrada do Brasil pela primeira vez em um conflito militar gerava diversas preocupações, não só com o armamento e treinamento de suas tropas, mas também com

a preparação psicológica dos combatentes e da população. A preparação psicológica jamais aconteceu. Nem antes e nem depois do conflito. Essa preocupação foi apontada por diversas pessoas envolvidas com a formação do corpo expedicionário brasileiro, desde o ministro Oswaldo Aranha, como aponta Joaquim Xavier da Silveira em “A F.E.B. por um soldado”, que escreveu uma carta ao presidente Getúlio Vargas falando sobre a necessidade da preparação psicológica dos pracinhas até o comandante das tropas brasileiras, general Mascarenhas de Moraes que em seus escritos afirma: “Diversidade de ideologia política no grupo dirigente de nosso país, refletindo por vezes a fraqueza da liderança pela capacidade de remover inúmeros obstáculos, quase sempre decorrentes do próprio estado de guerra. Uma das conseqüências dessa anomalia na esfera governamental foi o país ressentir-se da indispensável preparação psicológica para o conflito.”

Como a Força Expedicionária Brasileira trabalharia de acordo com o treinamento e os meios estadunidenses de guerra, generais brasileiros foram estagiar nos Estados Unidos para adquirir o conhecimento necessário para transformar a máquina de guerra brasileira, que então atuava segundo o modelo francês (armamento e táticas de guerra do exército francês então vencedor da I Guerra Mundial), em algo mais próximo ao modelo norte-americano. Os generais encarregados para tal foram os generais Euclides Zenóbio da Costa, Oswaldo Cordeiros de Farias e Falconiere da Cunha. Já o General da F.E.B., Mascarenhas de Moraes, acompanhado de oficiais, foi fazer um reconhecimento do provável teatro de operações onde o Brasil combateria, embarcando no dia 06 de dezembro de 1943 para o Norte da África e também para a Itália, o último país aonde o Brasil efetivamente veio a combater e sua volta aconteceu para o Brasil aconteceu em janeiro de 1944.



Os generais brasileiros que comandariam os expedicionários no Teatro de Operações na Itália.

Da esquerda para a direita: Cordeiro de Farias, Zenóbio da Costa, Mascarenhas de Moraes e Olímpio Falconiere da Cunha.

Arquivo: CPDOC/FGV – Fundação Getúlio Vargas

A escolha do general Mascarenhas de Moraes para comandar a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª D.I.E.) foi pelo Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra em 07 de agosto de 1943 mas ele ainda não comandaria as tropas brasileiras de forma total. O comando das tropas da F.E.B. ainda não era unificado, isso por que o corpo expedicionário estava espalhado pelo Brasil, isso é, recebia ordens e continuavam subordinados aos comandos originais (das bases militares as quais pertenciam). Essa situação foi modificada em portaria ministerial publicada em 28 de dezembro de 1943. A publicação dessa portaria dava ao general Mascarenhas de Moraes o comando único de todas as unidades que integrariam o corpo expedicionário.

Em março de 1944, a pedido do general Mascarenhas de Moraes, a Força Expedicionária Brasileira se concentrou na capital federal, mais próximo de seu comando para treinamento. Como as condições de armamento e treinamento brasileiras ainda eram bastante precárias, previa-se, entretanto, que o fim do treinamento aconteceria no próprio Teatro de Operações na Europa. Mas o treinamento não foi feito de maneira fácil, uma vez que grande parte do contingente que formaria o corpo expedicionário era oriundo de meios rurais e em consequência disto não tinham os conhecimentos mínimos para entrar imediatamente em treinamento especializado.

As contribuições de praças para a F.E.B. por Estados se dão da seguinte forma:

ESTADOS	CONTRIBUIÇÃO	PERCENTAGEM
Amazonas	91	0,390
Pará	281	1,205
Maranhão	134	0,574
Piauí	67	0,287
Ceará	377	1,617
Rio Grande do Norte	341	1,463
Paraíba	349	1,497
Pernambuco	651	2,793
Alagoas	148	0,634
Sergipe	192	0,823
Bahia	686	2,943
Espírito Santo	345	1,480
Rio de Janeiro	1942	8,331
Distrito Federal	6094	25,720
São Paulo	3889	16,264
Paraná	1542	6,615
Santa Catarina	956	4,101
Rio Grande do Sul	1880	7,641
Minas Gerais	2947	12,223
Goiás	111	0,476
Mato Grosso	679	2,913
TOTAL	23702	99,990

Fonte: ANDRÉ, Major Antônio. **O Brasil na II Guerra Mundial** e as Comunicações da 1ª DIE Brasileira na Itália – 1944/45. HP Comunicação Editora, 2007. p. 547.

O treinamento e a instrução de tiro que os pracinhas brasileiros receberam em território nacional eram diferentes do que eles iriam encontrar no teatro de operações na Itália. O Brasil tinha um exército formado segundo a escola francesa de guerra e quase a totalidade dos equipamentos e armamentos brasileiros havia sido comprada da Europa antes da guerra, portanto eram totalmente diferentes da linha utilizada pelos estadunidenses. Os armamentos, as instruções de guerra e as táticas de combate seguiam essa linha herdada ainda da primeira guerra mundial, quando chegassem à Itália os brasileiros receberiam armamentos e instruções segundo a escola estadunidense de guerra que adotava novas técnicas de combate apoiadas nas novas tecnologias lá desenvolvidas e outras instruções de campo de combate, o que era completamente diferente do que eles estavam habituados.

A Força Expedicionária Brasileira já estava formada e tinha recebido algum treinamento na capital (julho de 1944). A hora era de ação. O momento era de embarcar nos navios de transporte norte-americanos, General Meigs e General W. A. Mann.

A cobra vai fumar!



Com um contingente de pouco mais de vinte e cinco mil homens, o Brasil partiu para a Itália. A nação se fazia representar por aqueles homens fardados em um uniforme verde-oliva, homens que nem sempre tinham exata noção do que iriam encontrar lá fora ou da real razão de combater o inimigo em terras longínquas. Fato é que eles estavam lá. Os navios transporte, Gen. Mann e Gen. Meigs levavam do Brasil os filhos desta terra. Meninos que deixavam sua pátria, suas mães, namoradas, famílias e futuro para trás para defender outra nação que estava sob o poder nazi-fascista. Situação estranha, pois o Brasil também tinha um governo autoritário, mesmo que em outras proporções. Mas lá iam os brasileiros, pelo mar, com o qual alguns daqueles homens tinham seu primeiro contato naquele momento, rumo à Itália. Os militares brasileiros, com exceção das 67 enfermeiras e outros 111 militares que foram conduzidos ao teatro de operações via aérea, todo o contingente brasileiro embarcou para o teatro de operações nos navios transporte estadunidenses que foram acompanhados e escoltados por navios da Marinha de Guerra brasileira.

Antes da partida da F.E.B., dizia-se em tom de chacota que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra. Os pracinha foram à guerra e adotaram como insígnia uma cobra fumando um cachimbo.



*Insígnia da Força
Expedicionária Brasileira – A
cobra fumando cachimbo.
Fonte: Arquivo Fundação
Getúlio Vargas –
CPDOC/FGV*

Para homenagear as tropas brasileiras cuja insígnia adotada foi a cobra fumando, Walt Disney, que anteriormente havia criado o personagem Zé Carioca por causa da política estadunidense de boa vizinhança, desenhou a pedido do jornal brasileiro “O Globo” a sua versão da cobra fumando.



A COBRA FUMANDO por Walt Disney

Walt Disney teria desenhado a cobra fumando a pedido do jornal “O GLOBO”.



O 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira partiu do Brasil no dia 02 de julho de 1944 junto com o seu comandante general Mascarenhas de Moraes, no navio Gen. Mann, que, além de transportar as tropas brasileiras, fez história nas águas do mundo todo prestando serviços até 11 de dezembro de 1965. Na ocasião do embarque do primeiro Escalão, a única pessoa que sabia o destino do navio era o próprio general Mascarenhas de Moraes, pois inicialmente era previsto que as tropas brasileiras desembarcariam em Oran, na África do Norte para realizar treinamento e

receber equipamentos. Mas por ordem direta do presidente estadunidense Roosevelt o contingente brasileiro seguiu direto para Nápoles para ser imediatamente aproveitado devido ao baixo número do contingente presente no local.

O 1º escalão chegou à cidade italiana de Nápoles em 16 de julho. O 2º escalão embarcou no navio Gen. Meigs, que ficou na ativa até 1 de outubro de 1958. O Meigs saiu no dia 22 de setembro de 1944, sob o comando do general Oswaldo Cordeiro de Farias, e chegou a Nápoles em 06 de outubro. Nele ia também o 3º escalão, comandado pelo gen. Olimpio Falconiere da Cunha. O Meigs transportaria ainda o 4º escalão, que embarcou a 23 de novembro de 1944, sob o comando do coronel Mario Travassos, e desembarcou no dia 07 de dezembro. O 5º e último escalão da F.E.B. embarcou no dia 08 de fevereiro de 1945, chegando a Nápoles no dia 22 do mesmo mês sob o comando do tenente-coronel Ibá Jobim Meireles.



Desembarque de tropas do 2º escalão da FEB em Nápoles, Itália. Fonte: CPDOC/FGV – Fundação Getúlio Vargas

Efetivos que embarcaram para Itália	
Chegados com o 1º Escalão	5.075
Chegados com o 2º e 3º Escalões	10.375
Chegados com o 4º Escalão	4.691
Chegados com o 5º Escalão	5.082
Chegados via aérea	111

Moraes, Mascarenhas J. B.
A F.E.B. por seu comandante

A Itália para os brasileiros

Ao chegar a território italiano, em que passariam a combater por 239 dias, os pracinhas brasileiros foram transportados por via terrestre até o acampamento onde deveriam ficar e receber mais treinamento. Durante as manhãs na Itália, os brasileiros tinham instruções e treinamentos, desta vez com as novas armas (as que manipulariam durante os combates e que eram diferentes das armas com as quais treinaram no Brasil). Logo nos primeiros dias na Itália os pracinhas começaram a sentir também as diferenças climáticas provenientes da região onde estavam.

O frio castigava bastante os pracinhas. Os brasileiros, não habituados, por motivos óbvios, ao clima frio, tiveram que lidar com as baixas temperaturas e a neve do início do inverno europeu. Naquelas manhãs, os cantis amanheciam com a água congelada, o que os obrigava a esquentar a água para poder beber. Também o banho e a higiene pessoal dos combatentes ficaram prejudicados. Durante o período que a FEB ficou na Itália, segundo relatos de pracinhas, como Justino Alfredo, afirmam que durante os 239 dias de combate na Itália, tomaram dois ou três banhos no máximo, devido à falta de água e ao frio intenso.

Com as baixas temperaturas, os soldados receberam agasalhos que davam conta de aquecê-los satisfatoriamente.

O descanso também não foi tarefa fácil para os combatentes, Justino Alfredo afirma que depois da chegada à Itália só dormiu dois dias em casas, o resto em trincheira, ou em qualquer lugar, no mato. “Isso que acabou muito com a saúde da gente. Nós tivemos no mínimo de batalha umas dez, fora algumas cidades que nós fizemos o serviço de ocupação. Então nessa temporada nós sofremos muito. Parecia animal no meio do mato fazendo trincheira”, conta o ex-combatente. “Os dez meses de linha de frente não foram brincadeira. Mesmo que teve alguém que não deu tiro nenhum, sofreu também! Chuva, sol, dormir em qualquer lugar. Eu por exemplo, peguei pé de trincheira, quase perdi o pé. O clima também era um sofrimento. Dormir no buraco com neve caindo em você dá vontade de chorar.”

Os agasalhos e uniformes usados pela Força Expedicionária foram um motivo de confusão. Ao chegar à Itália com o uniforme que lhes fora concedido, os pracinhas foram facilmente confundidos com os soldados nazistas, o que despertou hostilidade por parte dos italianos.



Um dos oficiais que pertencia ao grupo do comandante brasileiro, general Mascarenhas de Moraes, ficou na Itália para observar as condições, inclusive a dos uniformes. O major Antônio Henrique Almeida de Moraes relatou que os agasalhos não ofereciam a proteção adequada.

A Força Expedicionária Brasileira tinha um plano para os uniformes. O plano era aprovado e regulamentado (decreto nº 15.100, de 20 de março de 1944). No documento era previsto uma série de acessórios. Roupas, calçados, cintos, distintivos e mais. No entanto a qualidade do material empregado na confecção dos mesmos era de qualidade inferior e chegou inclusive a desbotar causando confusão entre o uniforme brasileiro e o uniforme

nazista. As diferenças entre os dois só poderia ser vista de perto, quando se notava as insígnias e distintivos.

O problema do uniforme da F.E.B se resolveu à base do melhor “jeitinho brasileiro”. Inicialmente, segundo relato de um pracinha no documentário “*O Lapa Azul*” do diretor brasileiro Durval Junior, os brasileiros trocaram parte das suas rações de cigarros e chocolates por novos cortes de uniforme. Isso fez com que o uniforme dos soldados brasileiros fosse modificado completamente, até que o próprio Exército, segundo afirma o pracinha brasileiro Osvaldo Birocchi, tomou medidas. Depois das mudanças feitas no uniforme do pracinha brasileiro ele ficou como na ilustração ao lado.

As dificuldades enfrentadas foram inúmeras. Além do frio, uma das principais dificuldades apontadas pelos pracinhas brasileiros é a locomoção no teatro de operações, localizado em região montanhosa, o Monte dos Apeninos, que formava a então conhecida “Linha Gótica”. Reduto nazista nos pontos mais altos da Itália. Como no inverno nevava muito essa neve a certa altura virava água e misturada com o barro acabava transformando toda a região em um grande lamaçal, o que dificultava a caminhada dos pracinhas e também acaba atolando os veículos com os quais eles eram transportados e transportavam a ração (alimento em período de combate) para as linhas de frente (front).

Outra adaptação pela qual os pracinhas tiveram que passar foi com a comida. Como a comida era toda enlatada para facilitar o transporte e distribuição, no frio, quando os pracinhas abriam as latas de ração, a gordura ficava toda na parte de cima. Os pracinhas afirmam que “a embalagem não contribuiu, por que abríamos a latinha e vinha aquela gordura... Era difícil de engolir aquilo, mas com fome tem que comer.”, assim como diz Justino Alfredo, pracinha campineiro que combateu na Itália.

Os pracinhas brasileiros recebiam cartões de racionamento. Todos eles nominais pelos quais eles poderiam saber e pedir certos tipos de materiais e de quanto em quanto tempo eles poderiam ser disponibilizados pelo exército para os combatentes.

F. N. - DEP. INT. - GESTÃO REEMBOLSÁVEL - CARTÃO DE RACIONAMENTO

POR SEMANA		DE 4 EM 4 SEMANAS	
Chocolates S/L	8 7 4 5 4 3 2 1	Pasta pa calçado	2 1
" Tril	8 7 4 5 4 3 2 1	Envelopes pa cartas	2 1
Chicles	8 7 4 5 4 3 2 1	Cad'imbo	2 1
Chocolates And.	8 7 4 5 4 3 2 1	Tinta "Parker"	2 1
Cigarros	8 7 4 5 4 3 2 1	Pano pa limpar calçado	2 1
Drops	8 7 4 5 4 3 2 1	Água de Colonia	2 1
Fósforos	8 7 4 5 4 3 2 1	" Quina	2 1
Sol de fruta	8 7 4 5 4 3 2 1	Brilhanlina	2 1
Mate lenço	8 7 4 5 4 3 2 1	Camiseta	2 1
Amandam	8 7 4 5 4 3 2 1	Escova pa dente	2 1
Chuckles	8 7 4 5 4 3 2 1	Mais de algodão	2 1
DE 2 EM 2 SEMANAS		Lenço	2 1
Denitrício	4 3 2 1	Lapis	2 1
Sabonete	4 3 2 1		
Sulfo grosso	4 3 2 1		
Pilhas	4 3 2 1		
Pente	4 3 2 1		
Lâminas Gillette	4 3 2 1		
Leite "Mora"	4 3 2 1		
Pedra pa isqueiro	4 3 2 1		
Pate Chai	4 3 2 1		
Biscoitos eimoré	4 3 2 1		
Telco	4 3 2 1		

DE 2 EM 4 DE 4 DE 6 DE 8 DE 10 DE 12 DE 14 DE 16 DE 18 DE 20

Nome *Waldemar O. de Almeida*

Unidade *10.ª Intendência*

Assinatura

Cartão de racionamento de alimento e objetos de uso pessoal dos pracinhas brasileiros. O cartão mostrava que os produtos disponibilizados para os soldados iam desde sabonetes a cigarros.

DE 8 EM 8 SEMANAS

Calção de lá	Caneta termica	Sapato de verniz
Camisa de lá	Cremas	Tamancos
" V. O.	Gumex	Toalha de rosto
Caneta "Parker"	Isqueiro	Toalha de banho
Canivete	Lanterna eletrica	Toalha higienica
Carteiras	Lanixeira	Cuecas
Ceroulas de lá	Linha em tubos	Combat-boot
" algodão	Linha em carretel	Bota Netai
Chinelos	Luxas c/ forro	Brochura form. almoço
Cadernado	Luxas s/ forro	Bloco tipo reporter
Caderno de notas	Luxas lá v. o.	Borracha
Caderneta de ordens	Mala tipo americano	Borzegum
Cinto V. O.	Oculos	Caixa papel pa carta
" Gabardine	Meias de lá	Carteira para niquel
" Verniz cereja	Mosquiteiro	Compasso de metal
Escova pa calçado	Papel de agulha	Fichas de geleite
" roupa	Pileira de tricoline	Saboneteira
" cabelo	Pijama de flanela	Cigarreira
" unha	Pincel para barba	Porta escova
Estojo de toilette	Pileira	Tezoura
Estojo c/ minas	Pulseira pa relógio	
Galecha	Relógio	

Até certa altura do conflito os mantimentos chegavam com regularidade aos combatentes, mas com o passar do tempo e o avançar do conflito isso já não foi mais possível e algumas situações extremas foram colocadas aos combatentes.

Segundo relato para sua família, o 3º Sargento Waldemar Soares de Almeida, passou por situações em que a escassez de alimento era tão grande que ele e seus

companheiros foram obrigados a matar um cavalo para se alimentarem, pois em certo momento do combate não era possível que os alimentos chegassem até eles.



Justino conta que na época do calor a comida era normal e boa, menos quando estavam perto de território inimigo, pois nessas circunstâncias a comida era mandada para os soldados no lombo de animais até onde fosse possível. Ali, ao menor sinal de movimento, começava o bombardeio. Osvaldo Birocchi, um dos pracinhas responsáveis pelo transporte da ração aos soldados no front, conta que o risco era grande ao abastecer as tropas em certos locais. “A comida chegava com regularidade às tropas. Eu era um transportador dessa ‘bóia’ do ponto de referência para o front. Eu transportava a comida no jipe junto com outro soldado. Nós transportávamos a bóia pros homens no front e acabávamos em situação pior do que estavam no front porque ficávamos visados e podia acontecer de nos verem em movimentação e começar a bombardear. Chegando no front era preciso ter cuidado e se esconder. Não dava pra chegar de ‘sopetão’, se eles nos vissem na viatura, éramos bombardeados. Íamos pelos lugares mais escondidos.”

As pressões psicológicas também se fizeram presente nos combates “Eu fui para a guerra no laço. Eu achava que era um absurdo, mas quando eu cheguei lá, desembarquei do navio, me arrependi do que eu falei. Quando eu vi aquela miséria... eu me arrependi do que eu falei. Eu falei, poxa vida! Eu pensando que estava certo e estou errado. E se isso fosse no Brasil? Eu pensei... quando eu vi a miséria. E dali pra frente foi só miséria e mau trato.” relata Justino Alfredo

Segundo Justino, havia muita miséria na Itália. A população tinha dinheiro no bolso, mas não o que comprar. Os acampamentos de soldados brasileiros e estadunidenses viviam cercados por italianos, geralmente moradores da região onde os

soldados estavam acampados. Na hora da alimentação, crianças e idosos passavam pelo acampamento pedindo comida. Os pracinhas brasileiros sempre alimentavam as crianças italianas, mesmo tendo a sua cota de ração bastante limitada ao contingente que possuía. O mesmo não acontecia por parte de soldados estadunidenses e outros presentes na região. Eles ateavam fogo no resto de comida que era depositado em valas, segundo o historiador italiano Giovanni Sulla em entrevista para o documentário “O Lapa Azul”. “Eu sempre digo: a guerra não é só dando tiro que é guerra”, conta Justino. “O mau trato é duro. Para quem viu a miséria é duro. Quando eu fui convocado eu não fui para lá satisfeito, eu achava que sair daqui pra ir para Europa para brigar era besteira. Achava que era só segurar quando eles chegassem aqui, não deixar entrar.”

Dos italianos que cercavam os acampamentos em busca de alimento a maioria era de idosos e de crianças. Justino recorda que os mais jovens eram vez por outra levado pelos alemães para trabalhar para eles, abrindo trincheira. “Eu tive contato com um moleque de 12 anos e faltava uma mão. Ele veio me pedir chocolate e faltava uma mão dele. Eu perguntei o que foi na mão dele. E ele falou ‘tedeschi via’. (‘Tedeschi’ é a palavra italiana para alemães). Ele fez sinal de que o ‘tedeschi’ tinha cortado a mão dele fora. Um moleque de 10,12 anos, eles agiam com muita maldade, pensavam ‘Esse moleque aqui nunca vai pegar em uma arma’. Também, arrancaram a mão dele fora!” O pracinha em combate não deixava também de ponderar sobre o que estava acontecendo na Europa caso esse tipo de violência ocorresse no Brasil “Eu pensava comigo... No Brasil eu não quero isso... O sofrimento nosso, ficar sem trocar de roupa, sujo, fedido... A vontade de encontrar o inimigo deitado pra poder dar uns tiros deitado para descansar um pouco. Tudo isso é sofrimento, não só dar tiro. O desgaste físico, mesmo com a preparação que tivemos aqui.”

O soldado brasileiro sempre procurava uma maneira de ajudar a população italiana que estava próxima aos locais aonde se fixavam as cozinhas brasileiras. “Eu às vezes ia roubar um pouco de café para dar pros italianos,” relata o pracinha Osvaldo Birocchi. “Roubava na cozinha pra levar pro italiano porque eles não tinham mais nada. E o café que nós jogávamos e aproveitavam também. Café que já tinha sido coado, eles reaproveitavam, não sei como, mas reaproveitavam.”

“Deus, não me deixa morrer. Eu preciso voltar para o Brasil.”

O batismo de fogo da F.E.B. se deu no dia 06 de setembro de 1944. A partir daí os pracinhas brasileiros viriam a participar ativamente das operações na Itália, conquistando territórios que estavam sob domínio nazi-fascista. As experiências pelas quais passaram os pracinhas brasileiros foram intensas. Seus relatos integram o vasto conjunto de memórias do conflito mais sangrento da história contemporânea.



O pracinha Osvaldo Birocchi atribui a Deus o fato de não ter levado um tiro durante a guerra e também não ter sofrido nenhuma outra adversidade séria. “Deus não deixou pegar tiro em mim, andou comigo aqui no meu peito (mostra um crucifixo em uma corrente junto da sua plaquinha de identificação - dogtag). Eu conversava com ele. Eu falava: ‘Meu Deus, não deixa eu morrer nessa guerra. Eu preciso voltar para o Brasil’. Osvaldo recebia um apoio

espiritual extra encomendado pela mãe, que fez treze trezenas para Santo Antônio proteger o filho de todo o mal.

Nem todos, porém, tiveram a mesma sorte que o Sr. Osvaldo, como foi o caso do tenente do pelotão ao qual ele pertencia. “Meu tenente se chamava ten. José Maria Pinto Duarte. Ele foi muito bom pra mim.” José Maria era do grupo de comando do pelotão. Em uma ocasião, subindo um morro, ele ordenou que Osvaldo e outros dois praças voltassem ao Comando para buscar um rolo de fio telefônico que serviria para estender aos arredores. “Ele me disse pra ir com dois outros soldados e eu fui... Desci pro comando para pegar o fio telefônico. Conforme eu fui esse tenente ficou dentro de uma casa. Os alemães atacaram. Todo mundo fugiu pela janela dos fundos e meu tenente acabou ficando sozinho na casa. Ele ficou e resistiu ao ataque dos alemães. Pegou o revólver e resistiu aos tiros de metralhadora. Os tiros de metralhadora acabaram cortando a perna dele e com isso ele não pode mais correr.”

No cumprimento da ordem foi que o pracinha Osvaldo ficou sabendo do que tinha acontecido ao tenente. “Quando eu e os dois soldados estávamos subindo (com o fio telefônico que o tenente tinha pedido) tinham dois soldados descendo e eles disseram: ‘Não sobe. Não sobe porque os alemães atacaram. Pegaram seu tenente lá porque ele resistiu’. Eu fiquei triste e me perguntei ‘Porque meu tenente fez isso?’, ‘Bem, ele fez e se deu mal. Ficou com a perna cortada.’ Eu parei e escondi o rolo de fio numa propriedade italiana, numa pirâmide de feno. Larguei lá o fio e comecei descer de novo (a caminho do comando).”

Ao saber da notícia e ainda tomado pela tristeza o praça e os outros dois que o acompanhavam nada poderiam fazer além de dar a notícia para o comando.

“Voltei pro comando e falei “O tenente foi atacado e ficou em estado grave”. O comando esperou uns dois meses até o tempo de a neve terminar. Era tempo de um metro de neve. Essa neve cobriu o tenente e quando ele foi encontrado ele estava intacto porque a neve o conservou.”, completa Osvaldo.

Uma mulher na Força Expedicionária Brasileira – O relato da major Elza

Cansação de Medeiros



Por qual razão uma mulher jovem resolveria entrar em um combate entre nações como voluntária por sua pátria? Para a Major Elza Cansação de Medeiros, primeira enfermeira da Força Expedicionária Brasileira e a primeira mulher voluntária a servir ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, a resposta é a determinação de defender a soberania de seu país. *“As mulheres foram todas voluntárias, foram feitos quatro cursos aqui, Curso das enfermeiras da reserva do exército, eu fui a primeira voluntária, me apresentei em 18 de abril de 1943 e fui a primeira de turma, da primeira turma.”*

O treinamento

A preparação das enfermeiras desde o início foi árdua, com muito treinamento e exercício físico. “Os exercícios que fizeram conosco, hoje em dia não são feitos nem por homens por que eram muito perigosos. Os exercícios eram: passagem no poste com 5 metros de altura sem rede, falsa baiana (caminhar em cima de uma corda presa mais alto do que o chão e tendo outra acima da cabeça para segurar), a preguiça pendurada no cabo (que era pendurar-se na corda, como faz a preguiça) e uma série de outros exercícios. Terminado o curso tínhamos na parte da manhã o hospital, treinamento no hospital central do exército até o meio dia, depois íamos pro quartel general. Levávamos uma hora de bonde, tínhamos as aulas teóricas e tivemos até aulas com um professor de francês para trabalhar com os americanos. A eficiência da preparação aqui foi bem precária e ineficiente (pois o francês não teria uso para trabalhar com os estadunidenses). Depois tinha a parte de educação física que era na Fortaleza de São João na parte da tarde. De forma que tínhamos o dia inteiro desde as sete da manhã ocupadas com o treinamento. O treinamento todo durou quatro semanas.”

Mas a preparação e a seleção das enfermeiras brasileiras a serem enviadas à Itália tiveram outras particularidades... Não bastava às brasileiras mostrar sua competência por meio das notas no curso: era preciso também provar que poderiam se encaixar nos padrões raciais exigidos pelo exército americano.

A seleção por cor

“Terminado o curso, (...) teve também a seleção de cor, pois os americanos não permitiam nem pretas nem mulatas. Então tivemos que fazer a seleção das cores, tirar as mulatas, foi uma confusão danada! Porque a primeira de turma da segunda turma era preta e não pode ir. Tinham três mulatas disfarçadas, que pra gente não chega nem a ser mulata, pra nós é morena, essas conseguiram ir, mas tiveram que ser devolvidas por que os americanos não permitiam.”

O embarque

Após a seleção de acordo com os critérios do exército americano, as enfermeiras brasileiras seguiram viagem para o teatro de operações na Itália. “Nós saímos daqui antes da tropa, as cinco primeiras enfermeiras, Carmem Bebiano, Ignácia de Mello Braga, Virginia Portocarreiro, Antonieta Ferreira e eu, saímos daqui antes das tropas e fomos de avião.” Segundo relata a major Elza, essas foram as primeiras mulheres brasileiras a saírem do país para integrar o quadro de enfermeiras na Itália.



2º Tenente Carmem Bebiano



2º Tenente Ignácia de Mello Braga



2º Tenente Virginia Portocarrero



2º Tenente Antonieta Ferreira

Mulheres no exército e no exterior

Como as enfermeiras foram as primeiras mulheres a integrarem o exército brasileiro, não tinham uma posição definida, um cargo efetivo. E além de terem de lidar com a falta de organização, lidaram também com o preconceito. “A tropa saiu daqui dia 2, nós saímos dia 7 (do mês anterior), chegamos a Alger dia 12 e fomos parando por aí afora. Chegávamos nos lugares ‘brasileiro aqui não! Toca pra frente!’ Aí tínhamos que ir para outro lugar. Enfim, não nos aceitavam nos refeitórios, nem nos alojamentos de oficiais, pois diziam que nós não éramos oficiais porque tínhamos um tracinho no braço e não as estrelas de oficial.”

As dificuldades continuaram para as enfermeiras da F.E.B. até que elas chegaram à cidade de Alger e lá encontraram o embaixador Vasco Leitão da Cunha e seus dois assistentes, Gurgel Valente e Maurinho e Mozart. Com esse encontro algumas providências foram tomadas, como conta a Major: “Gurgel Valente era o filho do dentista da minha mãe quando eu estava pra nascer. De forma que era amizade de família. Quando me viram fizeram um escândalo! “Que é que você está fazendo por aqui minha filha? Como é que seu pai deixou?” E eu disse: “Meu pai não deixou, ele brigou comigo.” E aí eu contei o que nós estávamos passando, inclusive passando fome e o embaixador tomou providências e nós fomos para um hotel.”

No dia 15 as enfermeiras brasileiras saíram da cidade de Alger para ir para Nápoles, mas a maneira pela qual ficaram sabendo da mudança de cidade foi curiosa: os alemães as informaram, antes mesmo de receber a ordem do comando brasileiro.

Já no dia 16 começaram os trabalhos em Nápoles, com a chegada das tropas brasileiras baixaram 300 homens de bordo no hospital e estes com as mais variadas doenças, como sarampo, catapora, caxumba, coqueluche. Bastava ter um homem doente e o navio era contaminado.

A rotina de trabalho

O cotidiano dos atendimentos feitos pelas enfermeiras era bastante árduo. “Nós tínhamos uma equipe de trabalho com horários de trabalho. Nós começávamos a trabalhar às sete horas até sete da noite, parávamos para almoçar e para jantar, mas era corrido. Quinze dias seguidos depois se dormia uma noite e pegava quinze noites seguidas de sete as sete.” Mas essa rotina relatada não era a única dificuldade enfrentada nos hospitais militares, segundo a major Elza, “A maior dificuldade foi o idioma, por que o hospital era americano. Nós tínhamos uma sessão brasileira dentro do hospital americano. Portanto se falava o inglês e todo o material era americano. Um material que nós nem conhecíamos por aqui no Brasil. Só que lá tivemos que aprender tudo de novo e isso custou um bom trabalho. Algumas não conseguiram acompanhar de forma que foram devolvidas para o Brasil.”

O atendimento mais marcante



Trabalhando em um hospital militar durante a II guerra mundial, as enfermeiras testemunharam vários casos extremos, ferimentos e doenças diversas, quando perguntada de um caso surpreendente que chegou às suas mãos a major Elza se lembra de um menino alemão: “Chegou um garoto de 17 anos, um alemãozinho, chegou com a caixa craniana arrancada, a massa encefálica pra fora, misturada com lama, com água... Mas tava vivo, você encostava o espelho no nariz, o espelho embaçava, tinha vida. Tem vida a gente dizia ‘Monta em cima! Vamos trabalhar em cima dele!’

E eu consegui lavar a cabeça dele com soro, soro morno, pra ele morrer com as idéias limpas, e quando foi no dia seguinte a turma do dia resolveu operar e botar o que sobrou pra dentro da cabeça e fechar pra ele morrer com a cabeça fechada. E ele vivendo, vegetando em cima da cama. E eu ainda tive notícias desse rapaz por três meses, ele continuava vegetando. Porque quando caia no hospital era muito difícil de morrer,

quando caia nos hospitais grandes. Por que o hospital da frente, o ‘Field Hospital’, para lá eram levados os ‘intransportáveis’, os que não tinham mais esperança de vida nem nada, mas mesmo assim salvaram muita gente.”

A major Elza Cansanção Medeiros foi personagem também de uma das crônicas do famoso jornalista e cronista Rubem Braga que esteve no teatro de operações cobrindo a guerra. Sobre as enfermeiras brasileiras e o hospital de campo Rubem Braga escreve:

“ *ENFERMEIRAS*

Dezembro, 1944.

Ontem passei por um hospital de campo instalado em um sobrado à beira da estrada que vai para frente. Ali só ficam os feridos que têm necessidade urgente de ser operados e não podem suportar uma viagem mais longa. No momento só havia cinco homens, todos já operados: três brasileiros, um americano e um alemão. A enfermeira Neuza Melo Gonçalves – morena, alta e bem disposta, que encontrei consolando com uma tagarelice alegre um pracinha ferido – me disse que todos já tinham sido operados e estavam bem. O que estava pior era o alemão, que respirava com dificuldade.

- Ele mesmo se salvará – disse a enfermeira. – Sobre os outros, não tenho dúvida. Vá conversar com eles. Conversa faz bem.

O primeiro com quem falei foi um sargento, que recebera na véspera 16 estilhaços de granadas, mas com tanta sorte que nenhum o atingiu de maneira grave. Perguntou se eu podia pôr o nome dele no jornal. Respondi que sim. Ele hesitou um pouco.

- Mas não vale a pena. O pessoal lá em casa vai pensar que estou morrendo – e eu aqui fumando o meu cigarro bem sossegado. O senhor sabe como é mulher.

Um pracinha preto me recebeu sorrindo:

- A cobra está fumando, velho...

- Então, os tedescos te arrebentaram, hein?

- É, mas eu volto lá.

Contou que a munição de sua metralhadora estava acabando e ele usou granadas de mão.

- Vi três alemães pularem e caírem no chão. Se morreram, não sei. Quase na mesma hora veio uma granada de morteiro. Não sei se me joguei no chão ou se foi ela que me jogou. Mas não há de ser nada.

Perguntei se na sua opinião os alemães sabem lutar. Ele riu:

- Pois olhe eu aqui. Se sabem! Aqueles então estavam atrevidos. Nós tínhamos tomado uma posição deles. Quando anoiteceu, eles vieram rastejando. Parece que queriam cercar a gente. De vez em quando a gente ouvia um assobio baixinho, depois outro mais longe, e depois outro. Eram aqueles que faziam ligação um com o outro. Quando eles chegaram a uns 50 metros, a “lurdinha” cantou – e cantou feio em cima de nós. Nós também abrimos fogo, e eles acabaram sumindo.

O outro ferido brasileiro está dormindo. A enfermeira Altamira Valadares me diz que está muito satisfeita com aquele novo hospital:

- Estava cansada de dormir em barracas. Aqui temos a nossa casa. A gente passa melhor e os doentes também. Arranjamos uma cozinheira italiana muito boa.

Duas enfermeiras que tinham ido dar uma volta de jipe ao QG (quartel general) estão de regresso. Uma é bastante alta: Juraci França Xavier. A outra que vem ao seu lado conversando com um médico é Carminha Bebiani. Há ainda outra nesse hospital: Jacira Góis. As outras enfermeiras são americanas.

O hospital a que me referi é um hospital de campo. Os feridos ou doentes que não precisam ser operados ali vão para um outro hospital, uns 20 quilômetro mais para a retaguarda. Este que visitei hoje é um hospital de evacuação: ali são tratados os homens “recuperáveis” em uma semana ou 10 dias. Se não podem ter alta nesse prazo, vão para um hospital ainda mais recuado – de “estacionamento”. Se passam ali mais de quinze dias, vão para um hospital geral em Nápoles – e se não aprumam, são mandados de volta ao Brasil.

Isso tudo quer dizer que o hospital que visitei hoje é um dos que têm mais serviço, pois a ele afluí a maioria dos feridos e doentes. Está instalado em uma série de barracas, todas com bons aquecedores.

Almoço ao lado de Elza Cansação Medeiros, que conversa com volubilidade. Foi a primeira enfermeira a se apresentar como voluntária para a Força Expedicionária e me conta que no Rio já trabalhou na imprensa. Acompanho-a até a sua barraca, onde sou apresentado a Gemma Immaculata Ottolograno, que manda dizer a D. Rafaela (Rua do Riachuelo, 143, 1º andar) que vai bem e que escreve. Gemma é da última turma: saiu do Rio em 29 de outubro.

Arminda Célia Barroso é cearense, e Jandira Bessa de Meireles é baiana – e são vizinhas de leito. Ambas me encham de recados – diga isto a mamãe, saudades para Sônia e Ony, diga a minha mãe, que se chama D. Odila, que já recebi a carta etc.,

mas os recados ficam misturados em meu caderno de notas – porque as duas falavam ao mesmo tempo. Há, entretando, um nome de homem: Renato Mendonça. Rádio Sociedade da Bahia, Cidade do Salvador. É o marido de Jandira.

Uma outra enfermeira que chega censura as duas que falam em voz alta e aponta o fundo da barraca.

- Vocês estão doidas? Vão acordar a Antonieta.

Antonieta Ferreira trabalha na sala de operações e trabalhou a noite inteira. Não é justo acordá-la.

As enfermeiras brasileiras trabalham, como norma geral, das sete da manhã às sete da noite, com três horas de descanso no meio – mas naturalmente, quando é necessário, disparam a trabalhar nas horas de descanso. Antonieta faz serviços extraordinários e deve estar cansada, enrolada em cobertores no seu cantinho de barraca: quando saio, continua a dormir.

Vou visitar uma enfermeirinha morena, de olhos muito vivos, nascida no Acre e com um nome que só no Acre era capaz de aparecer: Jurgleide.

- Mas chamam a senhora por esse nome aqui?

- Não. As minhas colegas brasileiras me chamam de Dóris, e as americanas me chamam de Miss De Castro. São os meus sobrenomes.

Jurgleide nasceu em Cruzeiro do Sul e tem 27 anos, é solteira e está há três meses na Itália.

- Está gostando?

- A gente dizer que gosta disso aqui é bobagem. Ninguém pode gostar de uma vida assim com tanto trabalho e longe do Brasil. Mas por nada deste mundo eu voltaria para lá agora. Vim porque quis e estou contente tratando os meus soldados. Tenho uma coleção de lembranças que eles me dão. Naquela inundação que houve no Hospital 38, eu perdi duas lembranças que tinha ganho dos meus soldados, e não imagine o quanto senti. Eu só volto para o Brasil quando não houver mais nenhum soldado brasileiro doente nem ferido na Europa.

Jurgleide manda saudades para sua tia, D. Alice de Castro, Rua Magalhães Castro nº 169, casa 11, Rio.

O sargento Darci Moderno, quando me vê tomar nota desse recado, pergunta se eu não posso mandar dizer ao tio dele, Luís do Nascimento, gabinete do ministro da Guerra, que recebeu a carta mas não a encomenda. Respondo que não; sou pombo-

correio exclusivo das enfermeiras.” (BRAGA, Rubem. Crônicas da Guerra na Itália. Página 83 -85. Ed. Bibliex. Rio de Janeiro.)

A enfermeira major Elza Cansação Medeiros foi militar da ativa até seu último momento de vida. Viveu e faleceu no dia 08 de dezembro de 2009 na cidade no Rio de Janeiro e é a mulher brasileira mais condecorada com 36 medalhas ao todo (entre condecorações militares e para-militares). Dentre essas medalhas a “Ancien Combatant du Tatre du Operacion du L’Orope” – França sendo a major a única mulher a receber essa condecoração.

Elza, além de major, enfermeira e veterana de guerra, se formou em jornalismo, história das Américas, psicologia, turismo e relações humanas, foi também pintora e escultora premiada. A major teve contribuiu para a historiografia sobre a segunda guerra mundial. Ela é autora de três livros “1... 2... Esquerda... Direita... Acertem o Passo”, “E foi assim que a cobra fumou” e “Nas barbas do tedesco”, todos sobre a participação do Brasil no conflito. Atualmente a major trabalhava na produção de um novo título “Mulheres, alicerce de uma pátria forte”. A major Elza organizou também um museu sobre a segunda guerra, na cidade de Maceió-AL, fundou as revistas “Ex-combatentes”, da Associação de Ex-Combatentes e “O Febiano”, da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira.

A comunicação na Itália



A comunicação durante a guerra foi muito complicada. Não surpreende que a tecnologia da época não permitisse uma comunicação tão ágil como a dos dias atuais. Mas o envio e recebimento de cartas e jornais era lento mesmo para os padrões da década de 1940.

O Brasil quando resolveu participar ativamente do conflito se preocupou também com a comunicação dos soldados com as famílias no Brasil. Com isso foi criado em 26 de abril de 1944 um Serviço Postal da F.E.B.. A experiência era inédita no Brasil, uma vez que as Forças Armadas não dispunham de um serviço de postagem de cartas para seu uso exclusivo. O serviço disponibilizado contava com dois correios coletores, um com sede na cidade do Rio de Janeiro e outro com sede em Natal. Os serviços a eles designados seriam o tráfego postal e a censura das correspondências (quando necessário). Já no exterior funcionaram um correio regulador e estações postais que eram deslocadas segundo as movimentações das tropas brasileiras. No Brasil o serviço teve início em 21 de julho de 1944 quando o primeiro escalão da F.E.B. já se encontrava na Itália. No fim de 1944 estima-se que 3.200 cartas eram enviadas pelos soldados brasileiros da Itália para o Brasil e que em dezembro de 1944 havia mais de 18 mil correspondências retidas aguardando a censura para serem enviadas aos destinatários.

No Brasil foi criada também uma série de selos comemorativos a participação brasileira na Segunda Guerra

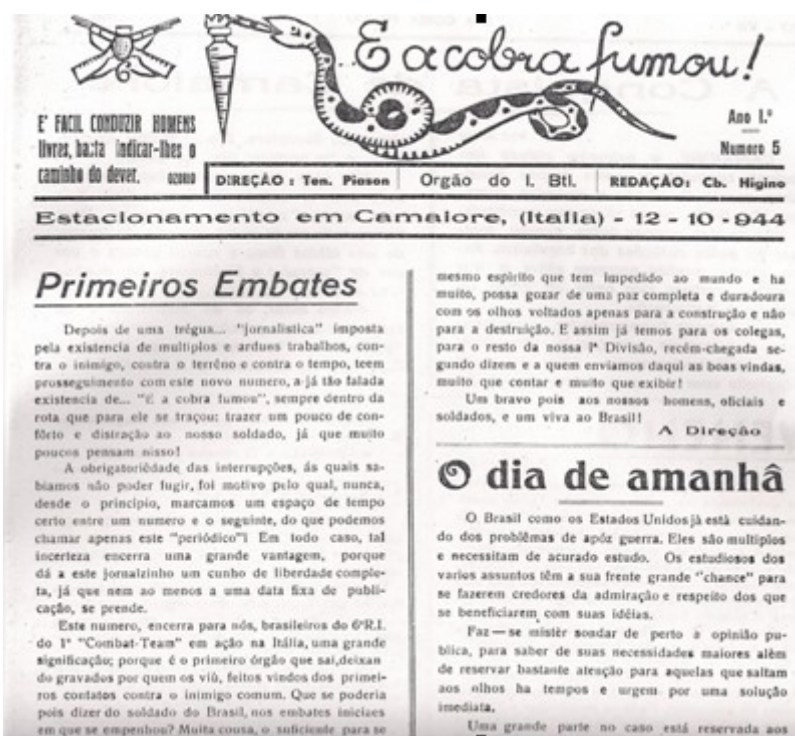




Segundo o brigadeiro José Meira, piloto de noventa e três missões do 1º Grupo de Caça “A comunicação era quase inexistente. A demora das cartas era de um mês entre ida e volta. Não havia comunicação telefônica e nem via rádio.”

As cartas enviadas pelos militares para seus familiares no Brasil eram abertas pela censura e não poderiam ter informações sobre o combate, localização e outras informações que a censura julgasse inapropriadas. Os trechos poderiam ser retirados da correspondência e depois enviada as famílias e amigos.

No entanto as tropas brasileiras deram um jeito de se manter atualizadas. Vários periódicos foram criados na Itália procurando levar aos combatentes notícias de casa e do andamento dos combates e dar-lhes alguma distração por meio de piadas, canções e poemas escritos pelos próprios soldados. A circulação dos jornais não era de grande extensão, no entanto davam conta de entreter os soldados que os recebiam. Circularam jornais como “E a cobra fumou” que tinha sua redação no estacionamento em Camaiore, Itália, o “Senta a Pua”, “A tocha”, “Sampaio” e o “Zé Carioca”. Todos eles eram distribuídos gratuitamente aos soldados.



Alguns desses periódicos chegaram a ser trazidos pelos pracinhas quando retornaram ao Brasil.

Ao lado temos um exemplar do jornal “...E a cobra fumou!” – Nome que se originou em resposta a comentários que afirmavam que seria

mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra. Pois os soldados estavam ali para provar que a cobra estava fumando!

Neste exemplar, por exemplo, temos a seguinte nota da redação:

“...Jornal: ... E a cobra fumou!

Direção: Tem. Piason Órgão do I Btl. Redação: Cb. Higino

Ano 1 – Número 5

Estacionamento em Camaione, Itália, 12/10/1944

Primeiros Embates

Depois de uma trégua... “jornalística” imposta pela existencia de múltiplos e árduos trabalhos, contra o inimigo, contra o terreno e contra o tempo, teem prosseguimento com este novo número, a já tão falada existencia de... “E a cobra fumou”, sempre dentro da rota que para ele se traçou: trazer um pouco de conforto e distração ao nosso soldado, já que muitos poucos pensam nisso!

A obrigatoriêdade das interrupções, às quais sabiamos não poder fugir, foi motivo pelo qual, nunca, desde o princípio, marcamos um espaço de tempo certo entre um numero e o seguinte, do que podemos chamar apenas este “periódico”! Em todo caso, tal incerteza encerra uma grande vantagem, porque dá a este jornalzinho um cunho de liberdade completa, já que nem ao menos a uma data fixa de publicação, se prende.

Este numero, encerra para nós, brasileiros do 6ºR.I. do 1º “Combat-Team” em ação na Itália, uma grande significação; porque é o primeiro órgão que sai, deixando gravados por quem os viu, feitos vindos dos primeiros contatos contra o inimigo comum. Que se poderia pois dizer do soldado do Brasil, nos embates iniciaes em que se empenhou? Muita cousa, o suficiente para se encherem páginas, mas fáceis de se resumir em muito pouco: portou-se a inteiro contento, ultrapassou as mais otimistas expectativas, á altura das tradições de que é portador nosso povo.

No que se refere ao 1º Batalhão, cujos feitos melhor conhecemos, pois é o “nosso meio”, podemos salientar a calma e determinação do “Destacamento Aventuroso” que tomou Camaione, a primeira grande localidade ocupada por tropas

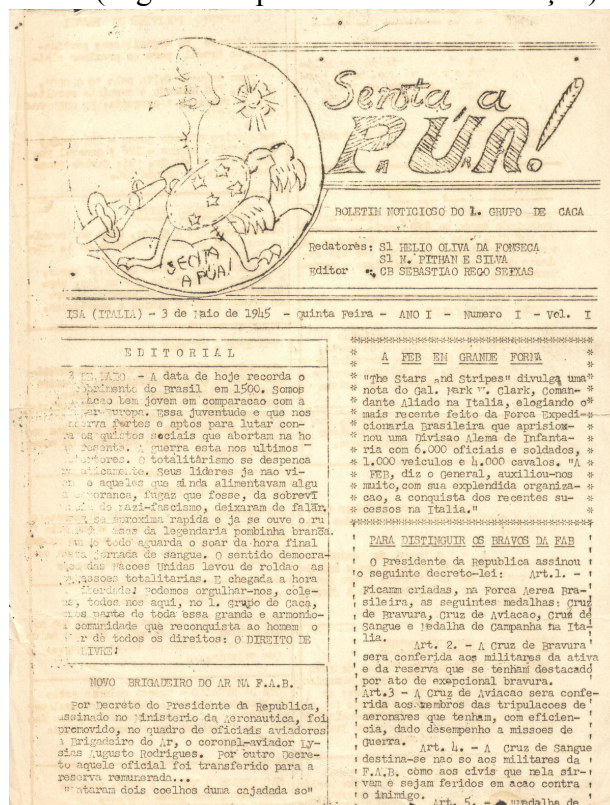
nossas “boca de onça” dada a posição do inimigo ao seu redor; e o arrôjo da 3ª Cia, com elementos da CPPI ao tomarem Valimona “à unha”, capturarem prisioneiros, grande presa de guerra e... 3 mulas.

Tudo pois caminha bem, no nosso setor e na guerra em geral; podemos ter a consciencia tranqüilla, dada a certeza de que não desmerecemos, perante os nossos valentes aliados, as tradições de nossa Pátria; e de termos já contribuído, ainda que com pequena parcela, para a derrota do espírito prussiano, esse mesmo espírito que tem impedido ao mundo e ha muito, possa gozar de uma paz completa e duradoura com os olhos voltados apenas para a construção e não destruição. E assim já temos para os colegas, para o resto da nossa 1ª Divisão, recém-chegada segundo dizem e a quem enviamos daqui as boas vindas, muito que contar e muito que exhibir!

Um bravo pois aos nossos homens, oficiais e soldados, e um viva ao Brasil!

A Direção.”

(A grafia respeita a utilizada na edição)

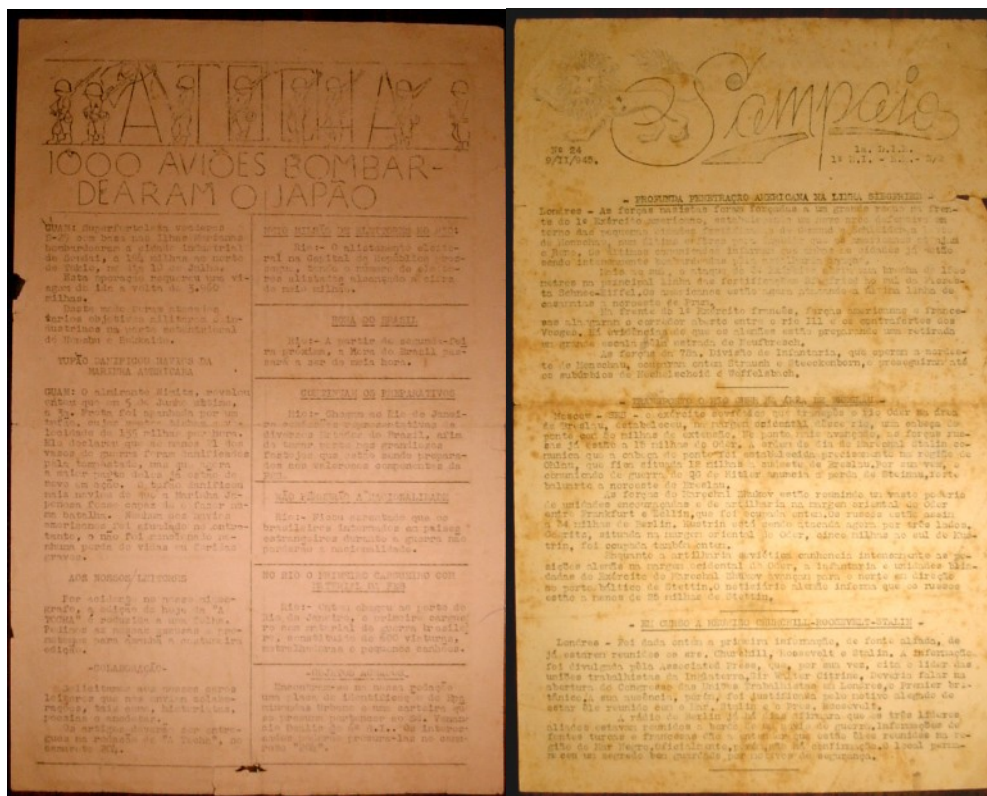


Os jornais produzidos na Itália não podiam ter uma publicação regular devido aos trabalhos realizados pelos expedicionários, mas levava aos combates informações muito importantes

A confecção dos jornais era bastante simples, em alguns casos como o do Senta a Pua, feito em Pisa pelo 1º Grupo de Caça (F.A.B. – Força Aérea Brasileira), era todo feito na máquina de escrever.

Todos os jornais produzidos na Itália tinham editoriais, e alguns

prestavam relevantes serviços como seção de achados e perdidos.



Exemplar do Jornal “A tocha” e o exemplar do jornal “Sampaio” – produção dos pracinhas brasileiros na Itália.

A comunicação e a imprensa que circularam entre os soldados durante a segunda guerra não foram apenas os oficiais e os jornais confeccionados pelos soldados. Grandes jornais brasileiros na época mandaram para o teatro de operações na Itália seus correspondentes. O órgão responsável pela escolha dos correspondentes de guerra foi o D.I.P. (Departamento de Imprensa e Propaganda). Órgão este que pertencia ao governo brasileiro e que censurava e manipulava a opinião pública afim de estabelecer as comunicações de maneira a não sofrer ataques provenientes da imprensa.

A seleção dos repórteres que atuavam na Itália foi feita e nomes também foram descartados, como o do jornalista Carlos Lacerda (que era opositor ao governo). A F.E.B. também credenciou jornalistas estrangeiros que representariam jornais, revistas, rádios e agências de notícias estadunidenses.

O jornal “O Globo” produziu especialmente para os soldados um jornal que foi denominado de “O Globo Expedicionário”, o jornal era confeccionado no Brasil e enviado à Itália para os soldados.

Rubem Braga e Joel Silveira foram dois repórteres brasileiros que acompanharam o cotidiano das tropas e noticiaram o andamento das operações brasileiras na Itália.

Rubem Braga foi como correspondente do jornal “Diário Carioca” com os pracinhas brasileiros dentro do navio transporte e publicou depois as experiências vividas em formato de crônicas em um livro: “Crônicas da guerra na Itália -Itália”.



CORRESPONDENTES DE GUERRA.

(FOTO) Em pé: da Esquerda p/ direita: *Rubem Braga*, do *Diário Carioca*; *Frank Norall*, da *Coordenação de Assuntos Interamericanos*; *Thassilo Mitke*, da *Agência Nacional*; *Henry Bagley*, da *Associated Press*; *Raul Brandão*, do *Correio da Manhã*, e *Horácio Gusmão Coelho*, fotografo da FEB. Abaixados: *Allan Fisher* (autor da foto), fotografo da

Coordenação de Assuntos Interamericanos; *Joel Silveira*, dos *Diários Associados*; *Egydio Squeff*, de *O Globo* e *Fernando Stamato*, cineasta.

A parte de arquivos em filme é bastante deficiente. Apesar de terem sido enviados cinegrafistas para cobrir a participação da Força Expedicionária Brasileira na Itália não existe nenhum filme completo sobre a ação da F.E.B.. Além disso parte do material foi perdido ou extraviado. Alguns filmes foram produzidos no pós-guerra, mas com pouquíssimas ou quase inexistentes imagens da época e a maior parte das produções em vídeo disponíveis atualmente são documentários com relatos dos ex-combatente nos dias atuais.

A desmobilização da Força Expedicionária Brasileira e suas consequências



O Brasil, com o decreto número 7.552, considerou no dia 07 de maio de 1945 a data de término da guerra na Europa. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, no entanto, permaneceu com sua ocupação militar no Teatro de Operações italiano até o dia 20 de junho de 1945.

A data de 08 de maio é considerada oficialmente como o dia da vitória, dia em que as forças nazistas se renderam incondicionalmente, data posterior também à morte do Führer alemão, Adolf Hitler.

Como as notícias chegavam ao Brasil principalmente via rádio, que era o veículo de comunicação em massa da época, a seguinte notícia chega ao Brasil na voz do então Repórter Esso: “Amigos ouvintes, aqui fala o Repórter Esso, testemunha ocular da história. A rádio de Hamburgo depois de transmitir o “Crepúsculo dos Deuses” (programa alemão na rádio que pertencia ao partido Nacional Socialista) durante muitas horas acaba de anunciar: “O Führer morreu! Terminou a guerra! Terminou a guerra! Terminou a guerra!”

A volta das tropas brasileiras ao território nacional se deu de forma parcial, por meio do regresso de cinco escalões, entre os dias 06 de julho e 03 de outubro de 1945. Utilizando seis navios diferentes e transportando aproximadamente 21.003 soldados.

Desembarque do
2º Escalão 22/08/1945
Acervo: Waldemar
Soares de Almeida



Regresso dos soldados brasileiros por Escalão		
Escalão	Nº1	Nº2
Comandante	Gen. Zenóbio	Gen. Cordeiro de Farias
Partida de Nápoles	06 de julho de 1945	12 de agosto de 1945
Chegada ao Rio de Janeiro	18 de julho de 1945	22 de agosto de 1945
Efetivo	4.931 expedicionários	6.187 expedicionários
Navio Transporte	General Meighs	Mariposa
Escalão	Nº3	Nº4
Comandante	Cel. Mario Travassos	Cel Delmiro Pereira Andrade
Partida de Nápoles	28 de agosto de 1945	04 de setembro de 1945
Chegada ao Rio de Janeiro	19 de setembro de 1945	19 de setembro de 1945
Efetivo	1.801 expedicionários	5.342 expedicionários
Navio Transporte	Duque de Caxias	General Meighs
Escalão	Nº5	Escalão A
Comandante	Cel. Arquimínio Pereira	Cel. Arnaldo Moraes
Partida de Nápoles	19 de setembro de 1945	12 de julho de 1945
Chegada ao Rio de Janeiro	03 de outubro de 1945	03 de agosto de 1945
Efetivo	2.742 expedicionários	-
Navio Transporte	James Parker	Pedro I
Escalão	Escalão B	
Comandante	Cel João Machado Lopes	
Partida de Nápoles	26 de junho de 1945	
Chegada ao Rio de Janeiro	13 de agosto de 1945	
Efetivo	-	
Navio Transporte	Pedro II	

O decreto nº 19.955, de 16 de novembro de 1945, suspendeu o estado de guerra, revogando os decretos nº 10.358, de 31 de agosto de 1942, que declarou a guerra à Alemanha e à Itália, e o de nº 18.811, de 6 de junho de 1945, que declarou guerra ao Japão.

Na chegada do primeiro escalão a desembarcar no Brasil em 18 de junho de 1945, trazendo consigo mais de quatro mil homens, a recepção da população brasileira foi a melhor possível. Os pracinhas desfilaram nas ruas da cidade do Rio de Janeiro e foram ovacionados pela população presente.



Ao retornarem para o Brasil, os pracinhas foram recebidos em festa pela população.

Ao lado (foto) a primeira página do jornal “O GLOBO”, de 18 de julho de 1945, noticiando a chegada ao Brasil do 1º Escalão da FEB.

Fonte: O Brasil na II Guerra Mundial

Após a campanha da Força Expedicionária Brasileira no teatro de operações na Itália, o Brasil teria de lidar com mais um fator oriundo da desmobilização das tropas a posição política e social desses pracinhas.

Os então soldados da F.E.B. ao voltarem para o Brasil se depararam com problemas como o desemprego. O pracinha brasileiro e os outros combatentes puderam contar apenas com o dinheiro da reserva que ficou guardado aqui pelo governo. Outros problemas também são apontados no retorno dos pracinhas ao solo nacional, como a falta de meios efetivos para reconhecer os feitos da campanha - não havia condecorações para os feitos militares.

Segundo relata a major Elza Cansanção de Medeiros, “A desmobilização da tropa foi a mais absurda possível. Porque você imagine o seguinte: O caboclo do interior estava acostumado a usar fragata de couro, a fumar cigarro de palha, a comer jabá com farinha e usar umas camisas de fazenda bem ordinárias. Ele vai pro Exército, lhe dão uma roupa bonita, um sapato brilhando, engraxado, passa a fumar ‘Chesterfield’, ‘Camel’ e a única coisa que ensinaram foi matar. A guerra termina,

‘tchau, vai embora para casa’. Não houve nenhuma preparação psicológica para a desmobilização. Então o que aconteceu é que nós tivemos uma quantidade de falhas. Pessoas que não tinham capacidade pra fazer nada, não sabiam fazer nada mais do que aquilo, trabalhar no campo ou então usar a arma. Não houve preparação nenhuma. Soltaram ele na rua. Enquanto o dinheiro da reserva que ficou aqui no Brasil todo mundo queria ouvir as histórias, quando o dinheiro acabou, eles eram uns chatos que repetiam as mesmas coisas, ficaram isolados. Foi um problema sério a falta de experiência brasileira na desmobilização.”

Os pracinhas relatam ainda a total desvalorização do serviço por eles prestado à Pátria. Uma vez que nenhuma política social foi desenvolvida para cuidar deles e nem um apoio psicológico foi dado.

O depoimento da Major Elza deixa essa situação bastante clara: “O Brasil desvalorizou totalmente a nossa atuação! Muita gente quando pensou que nós íamos perder a guerra, então estavam pouco se lixando pra gente. Quando começaram a ver que estávamos ganhando, inclusive o General Dutra que era Ministro, ele foi à Itália para ganhar a medalha de campanha. Que ele não queria ficar por trás do Mascarenhas (gen. Mascarenhas de Moraes), ele ia ser obrigado a dar uma medalha de campanha e ele não ia ter, e o Mascarenhas ia ter. Então ele foi à Itália e oficialmente como ministro do Exército ele recebeu o comando das tropas. Até isso houve. E quando nós chegamos, fomos desmobilizados ainda na Itália. Mas todo mundo foi embora pra casa. Quem era da reserva chuta, rua! Quem era da ativa foi pagar castigo nas fronteiras, foi designado pras fronteiras. Isso é um descaso que eu acho que é feito até hoje.”

Os expedicionários afirmam ainda que a desvalorização do serviço que a F.E.B. prestou a todos não se dá apenas pelo governo brasileiro, mas a população também desvaloriza e isso se dá não só por desconhecimento do que foi feito na Itália pelos expedicionários, mas também por desvalorizar a ida deles para um local em situação de conflito. A Major Elza exemplifica “Até hoje tem gente que fala: ‘Pelo simples fato de ter ido à guerra acha que tem direito as coisas’”.

Muitos problemas surgiram a partir da participação na guerra. “A quantidade de neuróticos que nós tivemos foi muito grande. Porque você não sabe o que é ficar... Eu estou aqui, ali fora tem um bombardeio. Você não sabe se a bomba vai cair aqui em cima ou se não vai. Só essa tensão nervosa acaba com os nervos da gente. Todos nós veteranos somos neuróticos, o que disser que não é está em pior estado. Em maior ou menos grau, mas sempre tem uma neurose. Nós tínhamos soldados que não podiam

ouvir o estampido de um carro que se jogava no chão porque tinha a sensação de que era bomba explodindo. Até pouco tempo, ainda tem muita gente aí completamente fora do ar. E, eu mesma sou neurótica, tenho a minha neurose. Não posso falar da guerra que eu começo a chorar (*chora*). É muito difícil eu me controlar pra conversar assim. Porque a neurose se exacerba.”

As consequências traumáticas da guerra foram vistas em diversos militares. Muitos deles desenvolveram transtornos psiquiátricos, alguns se suicidaram.

O 3º Sargento Waldemar Soares de Almeida tinha uma dessas sequelas da guerra. Ao ouvir barulhos muito fortes, como os de avião voando baixo ele se escondia debaixo do primeiro abrigo que encontrasse, fosse uma mesa, cama, ou outro qualquer. O barulho forte remetia por segundos aos barulhos de morteiros que atormentavam os militares durante o combate.

Uma das poucas homenagens prestadas pelo governo foi a criação das medalhas de campanha, criadas em 17 de agosto de 1944, para recompensar os serviços prestados pelos pracinhas brasileiros. Os critérios para a concessão das medalhas, porém, só foi estabelecido em outubro de 1944 e novembro de 1945.

Segundo Cesar Campiani Maximiano, autor do livro “Irmãos em Armas” sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, um dos motivos para a Força Expedicionária Brasileira ter sido negligenciada logo após a volta e o fim dos conflitos foi a inexistência de uma sintonia entre a sociedade brasileira e os pracinhas que estavam voltando para casa.

Ao contrário de outros países, como os Estados Unidos da América, o Brasil não reservou a seus ex-combatentes medidas sociais para reintegrá-los à sociedade. Tomaram-se algumas medidas com a finalidade de não deixar os expedicionários na completa miséria. Assim, foram criadas leis de pensão para os soldados que ficaram impossibilitados de trabalhar, financiamento do governo para a casa própria e pensão para a família do combatente que tombou na Itália.

E como afirma Cesar Campiani Maximiano “O desleixo não é somente com a história militar ou com a história recente. Por exemplo, a qualidade da historiografia feita nos EUA sobre a segunda guerra e a nossa.” Ainda que seja preciso ponderar o fato de os Estados Unidos terem sido protagonistas no conflito, há que se admitir nossas carências. O Brasil carece da construção de museus que guardem e preservem a história militar do país, como aponta Cesar Campiani “Em São Paulo não há um museu da F.E.B. ainda. E recentemente chegou a se cogitar a possibilidade de destruição do

armamento usado pela Força Expedicionária Brasileira.” Campiani vai mais longe em suas críticas: “Como fazer um museu sem o armamento? Acho que a idéia de destruir as armas deriva da patrulha ideológica politicamente correta (campanha do desarmamento), e passou por um tempo sem ser criticada pelo desleixo com o significado que o material tem para nossa história. É uma combinação infeliz de contextos tolos que poderia ter significado o fim da possibilidade de futuros bons museus no Brasil. Não museus que glorifiquem a guerra, mas sim museus que nos façam lembrar a luta dos brasileiros pela democracia e pelo fim do nazi-fascismo. E as armas foram as ferramentas para que essa luta pudesse ser vencida.”

As associações que existem hoje passam por grandes dificuldades financeiras, pois não contam com o apoio econômico do governo ou Exército, sendo mantidos em sua maioria por doações feitas pelos próprios ex-combatentes.

O pracinha brasileiro sob o ponto de vista econômico

Todo soldado recebe um salário, o soldo, seja em tempos de guerra ou em tempos de paz nos quais ele se prepara para eventuais conflitos. Com a F.E.B. não seria diferente.

Tendo um salário fixo, os soldados durante períodos de guerra, recebem seus salários com o acréscimo de um terço do chamado soldo (salário) – que é chamado de terço de campanha. Já quando o conflito no qual ele está envolvido ocorre fora do país, o soldado recebe o triplo desse valor.

O cálculo do pagamento dos pracinhas era feito em dólares. À base de treze cruzeiros, transformados depois em cruzeiros, à razão de vinte cruzeiros para cada dólar, o que acrescia nossos vencimentos de sete cruzeiros para cada dólar cambiado.

Levando em conta essa razão de cálculo o exemplo aplicado pelo site SegundaGuerra.org é “um capitão que em tempo de paz recebia Cr\$ 2600,00 – Dois mil e seiscientos cruzeiros -, passaria a receber Cr\$2610,00, mais 580 – terço de campanha -, ou seja Cr\$ 3190,00, cujo triplo dá Cr\$ 9.570,00 ou sejam 736,15 dólares. Cambiados para nossa moeda, a 20 cruzeiros o dólar, temos Cr\$ 14.723,00, que foram os vencimentos efetivamente pagos a um capitão, durante a campanha. Os demais postos eram pagos na mesma proporção, variando do general de divisão, com 32.713,80 cruzeiros, ao soldado que recebia 1.669,60 cruzeiros.” Para se ter idéia do que significava um salário de 1.669,60 cruzeiros durante a guerra é o poder de compra desse salário.

O pagamento dos pracinhas foi feito em três parcelas. A primeira delas era correspondente aos vencimentos em tempos de paz, parcela esta que era paga para a família do soldado no Brasil. A segunda parcela que era correspondente a aproximadamente um mês de vencimentos comuns era paga aos expedicionários na Itália, já a terceira e última parte já com os descontos e encargos era depositada no banco para quando o expedicionário ou representante legal designado por ele próprio pudesse movimentar o montante. Essa última parcela recebeu o nome de “Fundos de Previdência.”

O órgão responsável pelo pagamento dos pracinhas brasileiros era a AGEFEB, Agência do Banco do Brasil – F.E.B., recém criada. O Exército brasileiro tinha o órgão da Pagadoria, no entanto este não daria conta de fazer os pagamentos da F.E.B. pois tinha suas funções restringidas na própria estrutura organizacional do Exército e não poderia atuar com atividades que envolvessem o câmbio.

A criação em 23 de maio de 1943 deixaria a cargo do Banco do Brasil, especificamente da AGEFEB, o pagamento da tropa, de indenizações e outros pagamentos que viriam a ser necessários.

Um contingente de funcionários do Banco do Brasil se voluntariou para se tornar parte integrante da AGEFEB e se apresentaram para o embarque junto das tropas brasileiras, mais especificamente junto ao 1º Escalão da F.E.B.

Já na Itália, antes mesmo de ter uma base fixa, a AGEFEB fez funcionar o que ficou denominado como “balcão móvel”. A “agência” funcionava em um caminhão que percorria os acampamentos brasileiros. No entanto a situação foi normalizada e estabilizada com a sede. Em 02 de agosto de 1944 a AGEFEB se instalou em um prédio na Reggi Poste Italiani em Nápoles. Outras instalações foram feitas conforme o deslocamento das tropas brasileiras em solo italiano.

Na volta do Teatro de Operações na Itália, mudanças foram feitas nas leis e na Constituição para assegurar alguns direitos aos pracinhas brasileiros. Leis como a de número 2.378 de 24 de dezembro de 1954, que dispõe sobre a execução dos decretos leis número 8.794 e 8.795 datados de 23 de janeiro de 1946. Essa lei prevê entre outras coisas garantias às famílias dos expedicionários. O artigo 1º prevê a doação por parte do governo de uma casa residencial para a família caso o expedicionário tenha falecido, inapto ao trabalho, ou esteja desaparecido até a presente data de publicação. O valor máximo da contribuição do governo para a doação da casa para a família seria de até sessenta vezes o valor mensal da pensão concedida aos herdeiros militares do expedicionário falecido e não podendo ser inferior a Cr\$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros). O expedicionário ou família poderiam receber ainda 20% do valor da doação em dinheiro caso o valor do imóvel adquirido fosse menor do que o valor da doação por parte do governo. Todos os imóveis adquiridos por doação do governo ficaram livres do pagamento de impostos e de taxas federais como parte do benefício cedido.

Para os pracinhas que ficaram incapacitados fisicamente em decorrência de acidentes ou enfermidades causadas e/ou adquiridas durante a guerra, a lei 8.795 de 23 de janeiro de 1946 confere direitos. Dentre eles hospitalização especializada vitalícia, casa própria de acordo com seu posto e educação dos filhos menores, às expensas do Estado, aos que ficarem impossibilitados para todo e qualquer trabalho; possibilidade de integrar os quadros do exército, promoção de posto imediato ao que tinha quando foi ferido e reforma com os vencimentos do posto ou graduação da hierarquia normal subsequente ao da promoção.

É conferido por lei (nº 8.059 de 04 de julho de 1990) o direito a pensão por parte dos ex-combatentes e em caso de falecimento do mesmo aos seus dependentes.

Estando em condições ou não (maior parte dos casos) de trabalhar, a pensão paga pelo governo é na maioria dos casos a única fonte de renda da família dos expedicionários, sendo então de vital importância para as mesmas.

Mas não foram apenas vantagens que foram dadas aos veteranos da Força Expedicionária Brasileira nas questões econômicas e de pensão. Muitos erros foram cometidos, como demora na liberação de pensões e até mesmo erro nos cálculos de pensão que acabaram por prejudicar os veteranos.

Em 2008, em reportagem do jornal “Gazeta do Povo”, o repórter Edson Gil Santos Jr. escreveu uma matéria mostrando que os pracinhas da F.E.B. teriam o valor da aposentadoria deles reduzida. A redução seria de 30% do valor total do benefício e teria como objetivo “a devolução de um cálculo errado no índice de correção monetária das aposentadorias e pensões dos “pracinhas”, não percebido pelo órgão responsável em 1971 e pago até o momento.” E essa revisão de valores seria feita no benefício de todos os expedicionários do país até 31 de janeiro de 2009. O exemplo dado na reportagem era de um benefício de R\$ 940,00 por mês e com o novo cálculo o mesmo teria sido reduzido para R\$ 760,00.

A memória, condecoração e recordação da F.E.B.

Com a vitória consumada no teatro de operações na Itália em 1945, muitas cidades resolveram prestar suas homenagens aos expedicionários que combateram durante a II Guerra Mundial. Monumentos celebram ora expedicionários oriundos da cidade em que foi erguido, ora a Força Expedicionária Brasileira como um todo.



**Monumento aos Ex-Combatentes
Barbacena, MG**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Conselheiro Lafaiete, MG**



**Memorial Senta Púa Bairro Santa Cruz, RJ
Memorial dos Veteranos Base Aérea de Sta. Cruz –
Projeto de Oscar Niemeyer**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Além Paraíba, MG**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Araruama, RJ**



**Estátua do Aspirante Mega
Pátio da AMAN - Resende, RJ**



**Monumento aos Ex-Combatentes
São Fidélis, RJ**



**Monumento ao Vet. Amaro Ceccon
Jaguariúna, SP**



**Monumento ao Sgt Max Wolff
EsSA - Três Corações, MG**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Nuporanga, SP**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Santa Teresa, ES**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Manhumirim, MG**



**Monumento aos Ex-Combatentes
de Mogi Mirim, SP**



**Monumento a FEB
Itatiba, SP**



**Monumento aos Expedicionários
São Gabriel, RS**



**Monumento Aos Expedicionários
Campos dos Goytacazes, RJ**



**Monumento aos Expedicionários
Carlópolis, PR**



**Monumento aos Expedicionários
Juiz de Fora, MG**



**Monumento à FEB
Avaré, SP**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Caçapava, SP**



**Monumento Praça Força Expedicionária Brasileira
1º R C Mec - Regimento de Cavalaria Mecanizado
Regimento Sá Brito - Itaquí, RS**



**Monumento ao Expedicionário
Belo Horizonte, MG**



**Monumento aos Ex-Combatentes
Caçapava, SP**



**Monumento à Patrulha Max Wolff Filho
20º Batalhão de Infantaria Blindado - Curitiba, PR**



**Monumento aos ex-combatentes
Ponta Porã -MS**

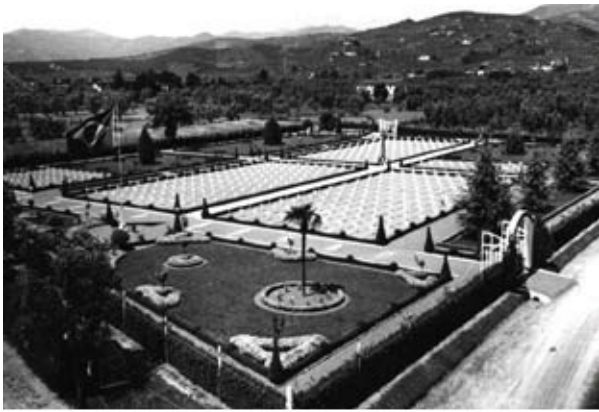


**Monumento Morros da Vitória
Aquidauana - MS**



**Monumento aos ex-combatentes
São Paulo-SP**

Além dos monumentos espalhados pelo Brasil, a Itália, que foi liberta pelos pracinhas brasileiros, também conta com memoriais, monumentos em homenagem aos expedicionários. Na Itália existe ainda um cemitério, localizado na cidade de Pistóia no qual 443 pracinhas que faleceram ficaram enterrados por um período depois da guerra tendo sido repatriados e enterrados no monumento erguido no aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, anos mais tarde.



Cemitério Militar Brasileiro na cidade de Pistóia **Monumento Votivo Militar Brasileiro, Pistóia.**

Os pracinhas brasileiros ficaram enterrados no cemitério militar localizado na cidade de Pistóia até 1960. Após o repatriamento dos soldados que tombaram na Itália, no lugar em que ficava o cemitério foi construído o Monumento Votivo Militar Brasileiro, representando os soldados que faleceram.



Monumento Brasil / Montese



Homenagem ao Sgt Max Wolff Filho/ Montese



Museu Histórico de Montese



Capela construída pelos militares brasileiros na localidade de Staffoli



5 MARZO 1945
MOLTI SOLDATI DELL'EROICO
ESERCITO BRASILIANO
CADERO QUI'PER LIBERARE
UNA TERRA CHE NON ERA LA
LORO.IL SACRIFICIO DEI
CADUTI NON PUO E NON DEVE
ESSERE DIMENTICATO
21 GIUGNO 1998
OPERE DEL COMUNE DI
VERGATO



Monumento construído no Monte Serrasiccia

IN QUESTO SCENA-
RIO COLLINARE
AFFRATELLATI
DALL'AMORE PER
LA PACE LA LIBER-
TA E LA GIUSTIZIA
SOCIATE COMBAT-
TERONO CONTRO
LA TIRANNIDE
E IL TERRORE

NAZI-FASCISTA
SOLDATI AMERICA-
NI BRASILIANI E
PARTIGIANI D'ITALIA
A NFI
E CITTADINI
20-IV-1989



Homenagem ao Soldado Brasileiro em Castelnuovo e em Cereglio



Monumento inaugurado em comemoração aos 60 anos da FEB/Colecchio



Monumento Comemorativo dos 60 anos da Campanha da FEB na Itália/ Porreta Terme



Monumento Comemorativo dos 60 anos da Campanha da FEB na Itália / Porreta Terme



Placa em homenagem ao Frei Orlando, em Bombiana



Monumento Liberação - Ao fundo o Monte Castello/Gaggio Montano



Monumento Ordem e Progresso/ Gaggio Montano

Uma das construções mais imponentes e conhecida relacionada aos pracinhas brasileiros é o “Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial”, que fica

localizado na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no Aterro do Flamengo. Junto ao monumento que conta com uma estátua que simboliza as três armas que compõe as Forças Armadas brasileiras, o Exército, a Marinha e Aeronáutica, o Monumento ao pracinha desconhecido e as placas em mármore que indicam as cidades por onde a Força Expedicionária Brasileira passou na Itália, existe o mausoléu onde estão os restos mortais dos pracinhas que tombaram na Itália e também um museu aberto ao público e de visitação gratuita que conta a história da F.E.B. e tem em seu acervo algumas homenagens que os pracinhas brasileiros receberam, algumas delas provenientes da Itália.

O monumento foi idealizado pelo general Mascarenhas de Moraes, que de forma ou outra cumpriu uma de suas promessas a qual se refere em seu livro “Memórias”, “Eu os levei para o sacrifício. Cabe-me trazê-los de volta”. Esse é um dos papéis do monumento, repatriar os soldados brasileiros que até então descansavam em Pistóia, Itália.

O projeto do repatriamento dos pracinhas tombados no teatro de operações começou em outubro de 1952 com a criação de uma comissão que seria responsável pelo repatriamento dos mortos, mas isso só se tornou realidade em 24 de junho de 1960.



MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA 2ª GUERRA MUNDIAL
Aterro do Flamengo – Rio de Janeiro

Apesar da quantidade de monumentos e museus que ajudam a preservar a história da Força Expedicionária Brasileira, a manutenção, visita, acesso aos acervos e

contato do público não tem se dado de maneira muito fácil. Muitas vezes os monumentos estão abandonados, sofreram com as ações do tempo e também com o vandalismo, como pichações. Além disso, a falta de investimento financeiro faz com que as associações e museus tenham que se manter independente de contribuições do governo, o que dificulta e muito a manutenção dos mesmos.



**Imagens do site ANVFEB.com.br
que mostram a depredação do
monumento aos pracinhas
mineiros. Belo Horizonte/MG
Pichação e furto de parte do
bronze da estátua.**

ANEXOS

Linha cronológica dos principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial:

1939:

1 de setembro

Tropas alemãs invadem a Polônia, dando início à II Guerra Mundial.

3 de setembro

A Grã-Bretanha e a França declaram guerra à Alemanha. No Rio, o Governo brasileiro declara sua neutralidade em relação ao conflito.

3 de outubro

Reunidos no Panamá, os chanceleres dos países americanos reafirmam os princípios da solidariedade continental e traçam as normas que regularão a observância da neutralidade dos Estados americanos face ao conflito europeu. Uma das resoluções estabelece uma zona de segurança marítima no Continente.

13 de dezembro

Navios de guerra britânicos e o couraçado de bolso alemão *Graf Spee* travam uma batalha naval ao largo do litoral do Uruguai. O barco alemão é afundado por sua tripulação após deixar o porto de Montevideú.

22 de dezembro

As nações americanas protestam junto aos governos alemão e britânico pela violação das águas da zona de segurança com o combate entre o *Graf Spee* e as belonaves britânicas.

1940:

14 de janeiro

O Governo britânico não reconhece a inviolabilidade das águas na zona de segurança estabelecida pelos Estados americanos.

14 de fevereiro

O Governo alemão rejeita a resolução do Panamá sobre a zona de segurança marítima continental.

10 de junho

O conflito se amplia. A Itália declara guerra à França e à Grã-Bretanha.

11 de junho

O Brasil, neutro, encarrega-se dos interesses italianos na Grã-Bretanha e colônias.

Julho

Reunidos em Havana, os chanceleres dos países americanos aprovam uma declaração considerando que "todo atentado de um Estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território e contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como um ato de agressão contra os Estados que assinam esta Declaração" .

11 de outubro

Os britânicos apreendem no porto de Gibraltar o navio mercante brasileiro Siqueira Campos, sob o pretexto de ter a bordo, não coberto por certificado de navegação, mercadorias de procedência alemã.

27 de novembro

Autoridades navais britânicas retiram de bordo do navio mercante brasileiro Buarque, alegando tratar-se de contrabando de guerra, 38 caixas e 32 fardos.

1 de dezembro

Navio mercante britânico armado (cruzador auxiliar) detém o navio mercante brasileiro Itapé e retira de bordo 22 passageiros de nacionalidade alemã.

3 de dezembro

O Governo brasileiro protesta contra o episódio do Itapé.

7 de dezembro

O Governo brasileiro protesta junto ao Governo britânico contra a apreensão do Buarque.

30 de dezembro

O Governo britânico libera o Buarque, pondo fim satisfatoriamente ao incidente.

1941:**18 de janeiro**

O navio mercante francês Mendoza é capturado em águas da zona de segurança, em frente ao litoral brasileiro, por um cruzador auxiliar britânico.

22 de janeiro

Protesto do Governo brasileiro contra a apreensão do Mendoza.

11 de março

O Presidente Roosevelt, dos Estados Unidos, aprova o Lend-Lease Act (Lei de Empréstimos e Arrendamento), instrumento pelo qual os Estados Unidos poderão fornecer ajuda econômica e material aos países em guerra com a Alemanha.

22 de março

O navio mercante brasileiro Taubaté é atacado por um avião alemão no Mediterrâneo. O Brasil tem seu primeiro morto na guerra, o conferente do navio José Francisco Fraga. Outros 13 tripulantes ficam feridos.

6 de abril

Alemanha ataca a Iugoslávia e a Grécia.

27 de maio

O Presidente Roosevelt faz uma proclamação declarando o estado de emergência nacional.

13 de junho.

Um submarino alemão pára, a tiros de canhão, o navio mercante brasileiro Siqueira Campos, e só o libera após vistoriá-lo e fotografar documentos de bordo.

22 de junho

A Alemanha ataca a União Soviética.

14 de agosto

O Presidente Roosevelt e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, assinam a Carta do Atlântico.

24 de novembro

O Governo norte-americano anuncia a ocupação da Guiana Holandesa, de acordo com a Holanda e o Brasil.

7 de dezembro

Os japoneses atacam a base norte-americana de Pearl Harbour, no Havaí. A guerra se generaliza. Cuba é o primeiro país do Continente a declarar guerra aos inimigos dos Estados Unidos.

1942:

28 de janeiro

Encerra-se no Rio de Janeiro a 3ª Reunião de Consultas dos Ministros do Exterior das Repúblicas Americanas, aprovando resolução recomendando o rompimento de relações dos Estados americanos com os países do Eixo. No discurso de encerramento, o

Chanceler brasileiro Oswaldo Aranha anuncia o rompimento de relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, a Itália e o Japão.

16 de fevereiro

O navio mercante brasileiro Buarque é torpedeado e afundado nas proximidades de Norfolk, nos Estados Unidos. Um passageiro morre.

18 de fevereiro

O navio a vapor Olinda é torpedeado e afundado ao largo da costa do Estado de Virgínia, nos Estados Unidos.

7 de março

O navio mercante brasileiro Arabutan é torpedeado e afundado ao largo da costa da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. O enfermeiro de bordo morre.

9 de março

O vapor brasileiro Cairu é torpedeado e afundado ao longo da costa dos Estados Unidos. Um passageiro morre.

1 de maio

O navio brasileiro Parnaíba é torpedeado e afundado próximo a Trinidad.

24 de maio

O navio brasileiro Gonçalves Dias é torpedeado e afundado ao Sul do Haiti, no Mar das Caraíbas. Seis homens morrem.

1 de junho

O navio brasileiro Alegrete é torpedeado e afundado entre as ilhas de Santa Lúcia e São Vicente.

26 de junho

O navio mercante brasileiro Pedrinhas é torpedeado e afundado nas costas de Porto Rico.

26 de julho

O navio mercante brasileiro Tamandaré é torpedeado e afundado. Quatro homens morrem.

28 de julho

O navio brasileiro Barbacena é torpedeado e afundado próximo a Port of Spain. O mesmo ocorre com o navio brasileiro Piave, onde 18 homens morrem, além de seu comandante.

15 a 21 de agosto

A 20 milhas da costa do Estado de Sergipe são torpedeados e afundados os vapores

brasileiros Baependi, Aníbal Benévolo, Araraquara, Itagipe e Araras. Muitos mortos, inclusive crianças.

22 de agosto

O Governo brasileiro comunica à Alemanha e à Itália que "ante o inegável ato de guerra contra o país", com o afundamento dos cinco navios na costa de Sergipe, foi criada "uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e da América".

31 de agosto

O Governo brasileiro declara o estado de guerra em todo o território nacional.

16 de setembro

O Governo brasileiro ordena a mobilização geral em todo o território nacional.

27 de setembro

O vapor brasileiro Lajes é torpedeado e afundado a 75 milhas da costa paraense, na altura da cidade de Salinas. O mesmo ocorre com o vapor brasileiro Osório. Um homem morre.

1943:

' Oito pessoas ficam feridas.'

2 de março

O navio brasileiro Afonso Pena é torpedeado e afundado no litoral da Bahia. No processo há controvérsia: morreram 92 ou 94 passageiros e 30, 32 ou 34 tripulantes.

11 de março

O Almirante Beauregard, chefe da Missão Naval norte-americana, envia ao Ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, memorando sobre a participação da Força Aérea Brasileira na guerra.

15 de março

Getúlio aprova o memorando do General Dutra sobre as medidas para a criação do Corpo Expedicionário Brasileiro. É o primeiro passo para o surgimento da FEB.

17 de março

O Capitão-Tenente Valim de Vasconcelos, comandante do Jaguaribe, em serviço de comboio, ataca e avaria um submarino alemão, que a tripulação afunda.

24 de março

O Brigadeiro Eduardo Gomes conferencia com o General Eisenhower em Argel.

31 de março

The New York Times informa, em manchete, que o Brasil enviará força expedicionária para o exterior.

8 de junho

É aberto o voluntariado na Armada brasileira.

17 de junho

É aberto o voluntariado para o Exército Brasileiro.

30 de junho

O navio brasileiro Tutóia é torpedeado e afundado na altura de Juréia, ao norte de Iguape, no litoral de São Paulo. Sete pessoas morrem inclusive o comandante.

4 de julho

O navio brasileiro Pelotaslóide é torpedeado e afundado na foz do Rio Pará. Cinco pessoas morrem e cinco ficam feridas.

10 de julho

Tropas aliadas invadem a Sicília sob o comando do General Eisenhower.

25 de julho

Mussolini é forçado a renunciar ao cargo de Primeiro-Ministro da Itália. O Marechal Pietro Badoglio é nomeado Primeiro-Ministro.

31 de julho

O navio brasileiro Bagé é torpedeado e afundado no litoral de Sergipe. Morrem 20 tripulantes, inclusive o comandante, e oito passageiros. Três aviões brasileiros afundam um submarino alemão no litoral do Rio de Janeiro.

9 de agosto

Eurico Dutra convida o General Mascarenhas de Moraes para comandar uma das divisões que constituirão o Corpo Expedicionário Brasileiro. É criada a FEB, então constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e Órgãos-Não-Divisionários (1ª DIE), pela Portaria ministerial nº 47/44.

10 de agosto

Mascarenhas de Moraes telegrafa ao General Eurico Dutra aceitando o comando.

12 de agosto

O General Eurico Dutra parte em missão para os Estados Unidos, onde tratará da colaboração militar brasileira com os Aliados.

3 de setembro

O 8º Exército britânico desembarca na Península Itálica, iniciando a segunda frente de luta na Europa.

É assinado o armistício entre a Itália e os Aliados.

8 de setembro

Eisenhower anuncia a rendição incondicional das Forças Armadas italianas.

Em informe bial ao Departamento de Guerra, O General Marshall declara ser o Brasil vitalmente importante para a defesa dos Estados Unidos, pois oferece o ponto de contato mais próximo do Continente com o teatro de operações europeu.

26 de setembro

O navio brasileiro Itapagé é torpedeado e afundado cerca de sete a oito milhas do litoral alagoano, do local Lagoa Azeda. Morrem 18 tripulantes e nove passageiros.

Também o veleiro brasileiro Cisne Branco é torpedeado e afundado. Viajava de Belém para Fernando de Noronha, mas não se tem notícia das coordenadas onde se encontrava. Quatro homens morrem.

1 de outubro

Os Aliados ocupam Nápoles.

20 de outubro

Início da inspeção de saúde nos oficiais do Exército que participarão da FEB.

O QG do General Mascarenhas de Moraes passa a ter autonomia administrativa.

23 de outubro

O navio brasileiro Campos é torpedeado e afundado a cinco milhas ao sul de Alcatrazes, no Estado de São Paulo. Morrem 12 pessoas.

28 de novembro

Roosevelt, Churchill e Stálin conferenciam em Teerã.

6 de dezembro

Mascarenhas de Moraes parte para Argel chefiando uma missão militar.

17 de dezembro

O General Maurício Cardoso é nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército.

18 de dezembro

Pelo Decreto-Lei nº 6.123, o Governo cria o 1º Grupo de Aviação de Caça. E o Decreto de 27 de dezembro do mesmo ano classifica como seu comandante o Major-Aviador Nero Moura.

19 de dezembro

Mascarenhas de Moraes e a missão brasileira chegam a Nápoles.

1944:

3 de janeiro

O 1º Grupo de Aviação de Caça, sob o comando do Major Nero Moura, decola rumo ao teatro de operações na Europa via Estados Unidos, onde fará estágio de treinamento em Orlando, na Flórida.

5 de janeiro

O Ministro da Guerra autoriza a abertura do voluntariado para o Corpo Expedicionário.

9 de janeiro

O Chefe do Estado-Maior da 4ª Esquadra norteamericana, Capitão C. E. Braine, comunica à imprensa o afundamento de um navio alemão, que transportava contrabando de guerra do Japão para a Alemanha, nas costas pernambucanas. Participaram da operação unidades brasileiras e norte-americanas, inclusive aviação. A tripulação aprisionada era de 145 homens, alemães e italianos.

11 de janeiro

Desligados da Diretoria Geral das Armas, para constituírem o QG do General Mascarenhas de Moraes, os Tenentes-Coronéis Amaury Kruehl, Humberto de Alencar Castelo Branco e Luís Braga.

1 de fevereiro

O General Osvaldo Cordeiro de Farias assume o comando da Artilharia Divisionária.

16 de fevereiro

The New York Times anuncia o afundamento de 18 submarinos do Eixo, em águas brasileiras, por forças aeronavais brasileiras e norteamericanas.

25 de fevereiro

Troca de prisioneiros brasileiros, entre os quais o Embaixador na França, Sousa Dantas, internados no campo de concentração de Godensberg, na Alemanha, por prisioneiros alemães no Brasil, tendo agido como intermediários os Embaixadores da Espanha e Portugal.

13 de março

Segue para os Estados Unidos mais um grupo de aviadores brasileiros para estágio de treinamento. Aprovados pelo Presidente da República os Decretos-Lei nº 6.224 e 6.225, de 24 de janeiro, que instituíram o imposto sobre lucros extraordinários e a junta de ajuste desses lucros.

31 de março

Soldados da Infantaria da FEB fazem o primeiro desfile no Rio de Janeiro sob o comando do General Zenóbio da Costa.

10 de maio

Constituição do 1º Escalão da FEB.

17 de maio

O General Mascarenhas de Moraes é nomeado comandante do 1º Escalão da FEB, cumulativamente com as funções de comandante da 1ª DIE.

20 de maio

A Artilharia Divisionária, sob o comando do General Osvaldo Cordeiro de Farias, faz uma demonstração de tiro real no campo de instrução de Gericinó.

24 de maio

Toda a 1ª DIE desfila no Centro do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco.

6 de junho

Vasco Leitão da Cunha vai a Nápoles, onde estabelece contato com o QG aliado, providenciando sobre a próxima chegada da FEB. Na ocasião, conferencia com Robert Murphy, representante pessoal de Roosevelt. Os aliados invadem a Normandia.

29 de junho

O General Mascarenhas de Moraes e o 1º Escalão da FEB embarcam no transporte de guerra norte-americano Gen W. A. Mann.

30 de junho

Getúlio Vargas se despede do 1º Escalão da FEB a bordo do Gen Mann.

2 de julho

Partida do 1º Escalão da FEB, com um total de 5 mil 81 homens, sendo 295 oficiais, 4 mil 769 praças e 17 de diversos serviços.

16 de julho

O navio-transporte Vital de Oliveira é torpedeado por um submarino alemão.

O 1º Escalão da FEB, tendo à frente o General Mascarenhas de Moraes, desembarca em Nápoles.

2 de agosto

O General Mascarenhas de Moraes é recebido pelo Papa Pio XII.

5 de agosto

O 1º Escalão da FEB é incorporado ao 5º Exército norte-americano.

8 de agosto

O General Zenóbio da Costa é recebido pelo Papa Pio XII.

9 de agosto

Os Generais Mascarenhas de Moraes e Zenóbio da Costa conferenciam com o Comandante do 5º Exército, General Mark Clark, no QG em Cecina.

18 de agosto

O 1º Escalão da FEB se transfere para Vada.

10 de setembro

O 1º Grupo de Caça parte dos Estados Unidos, a bordo do navio francês *Colombie*, com destino à Itália.

14 de setembro

O destacamento da FEB (unidade tática), sob o comando do General Euclides Zenóbio da Costa, substitui o *Task Force 45* norteamericano, em uma frente de nove quilômetros.

15 de setembro

A tropa brasileira começa a participar das operações de guerra. Tem o seu batismo de fogo.

16 de setembro

A FEB ocupa Massarosa, Monte Comunale e Monte.

18 de setembro

A FEB ocupa Camaione.

22 de setembro

Partida do Rio de Janeiro dos 2º e 3º Escalões da FEB, nos transportes norte-americanos General Mann e General Meiggs. No 2º Escalão havia 5 mil 123 homens, sendo 356 oficiais, 4 mil 757 soldados e 10 elementos diversos, sob o comando do General Osvaldo Cordeiro de Farias. No 3º Escalão, 5 mil 243 homens, dos quais 316 oficiais, 4 mil 922 pracinhas e cinco elementos diversos, sob o comando do General Olímpio Falconiere da Cunha.

24 de setembro

O General Eurico Dutra desembarca em Nápoles.

26 de setembro

A FEB ocupa Monte Prato.

30 de setembro

A FEB conquista Lama di Sotto.

1 de outubro

A FEB ocupa Fornaci.

6 de outubro

Os 2º e 3º Escalões da FEB aportam em Npoles.

O 1º Grupo de Caça desembarca em Livorno, porto a oeste da Itália, integrando-se à Força Aérea Aliada no Mediterrâneo.

11 de outubro

A FEB conquista Barga.

16 de outubro

O Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, passa em revista a tropa expedicionária estacionada em Pisa.

A FEB ocupa Galiciano e Barga.

30 de outubro

A FEB conquista Lama di Sotto, Lama di Sopra, Pradescello, Pian de los Rios, Collo e San Chirico.

06 de novembro

A FAB dá início às suas missões de guerra.

O primeiro oficial brasileiro abatido foi o Segundo-Tenente Aviador John Richardson Cordeiro e Silva, atingido pela artilharia antiaérea nazista na zona de Bolonha.

8 de novembro

O Marechal Alexander visita o QG da FEB em Porreta-Terme.

23 de novembro

O 4º Escalão da FEB parte do Rio de Janeiro. Compunha-se de 4 mil 722 homens, sendo 280 oficiais, 4 mil 396 praças e 46 diversos.

24 de novembro

Primeiro ataque da FEB a Monte Castelo.

25 de novembro

Segundo ataque da FEB a Monte Castelo.

29 de novembro

Terceiro ataque da FEB a Monte Castelo.

7 de dezembro

O 4º Escalão da FEB chega a Nápoles.

12 de dezembro

Quarto ataque da FEB a Monte Castelo.

1945:

4 de fevereiro

Conferência de Yalta: Roosevelt, Churchill e Stálin.

8 de fevereiro

Reunião do IV Corpo de Exército em Lucca para a exposição do Plano Encore e apresentação à FEB da 10ª Divisão de Montanha norte-americana.

O 5º Escalão da FEB parte do Rio de Janeiro a bordo do Gen Meiggs. Eram 5 mil 128 homens, sendo 247 oficiais, 4 mil 835 praças e 46 diversos.

21 de fevereiro

A FEB conquista o Monte Castelo.

22 de fevereiro

Chega a Nápoles o 5º Escalão da FEB.

5 de março

A FEB ocupa Castelnuovo.

8 de março

Assinada a Ata de Chapultepec, no México.

30 de março

O Brasil estabelece relações diplomáticas com a União Soviética.

12 de abril

Morte de Franklin Roosevelt.

Harry Truman é o novo Presidente dos Estados Unidos.

14 de abril

A FEB toma Montese.

21 de abril

A FEB conquista Zocca e Montalto.

25 de abril

Início da Conferência de São Francisco, com a presença de 50 países. O Embaixador Leão Veloso é o chefe da delegação brasileira.

27 de abril

Benito Mussolini é preso pelos partigiani italianos em Dongo, às margens do Lago de Como.

O Major H. Cordeiro Oest inicia os primeiros contatos com a 148ª D.I. Alemã para a rendição incondicional.

28 de abril

A FEB ocupa Collecchio.

Início da rendição da 148ª D.I. Alemã.

29 de abril

Os soviéticos entram em Berlim.

Os parlamentares da 148ª D.I. Alemã se apresentam ao Comando da FEB, em Ponte Scodogna. Durante todo o dia prosseguiu a rendição da tropa, acompanhada de copioso material bélico.

O Brasil fez 14 mil 779 prisioneiros, além de 4 mil cavalos, mais de 1 mil 500 viaturas, 80 canhões de diversos calibres, grande quantidade de munição etc.

30 de abril

Hitler se suicida em Berlim.

1 de maio

O Almirante Dönitz assume o Comando na Alemanha.

A FEB ocupa Turim.

2 de maio

Rendição incondicional dos alemães na Itália. Berlim é conquistada pelas tropas soviéticas do Marechal Zhukov.

7 de maio

Os militares alemães assinam a rendição incondicional.

8 de maio

Dia da Vitória na Europa: cessam todas as hostilidades.

10 de maio

Término da última batalha, a de Praga.

30 de maio

O 1º RI desfila em Piacenza, sob o comando do Coronel Caiado de Castro.

4 de junho

O cruzador Bahia afunda em consequência de uma explosão a bordo.

6 de junho

Aprovado o preâmbulo da Carta de São Francisco.

O Brasil declara guerra ao Japão.

25 de junho

Instalada a conferência para julgar os crimes de guerra.

26 de junho

Assinada a Carta das Nações Unidas.

6 de julho

O 1º Escalão da FEB parte de Nápoles para o Brasil.

11 de julho

O General Mascarenhas de Moraes chega ao Rio de Janeiro.

16 de julho

Os Generais Mark Clark e Crittenderger chegam ao Rio de Janeiro.

Teste da primeira bomba atômica, no Estado do Novo México, Estados Unidos.

17 de julho

Inicia-se a Conferência de Potsdam: Truman, Churchill e Stálin.

18 de julho

O 1º Escalão da FEB desembarca no Rio de Janeiro.

26 de julho

Clement Attlee, do Partido Trabalhista é o novo Primeiro-Ministro da Inglaterra.

6 de agosto

A bomba atômica explode sobre Hiroxima (dia 5 nos Estados Unidos).

8 de agosto

A União Soviética declara guerra ao Japão.

9 de agosto

Uma bomba atômica, mais poderosa que a anterior, explode em Nagasaki.

14 de agosto

Rendição incondicional do Japão.

Fonte da cronologia: Exército Brasileiro

**TABELA DOS NAVIOS BRASILEIROS TORPEDEADOS POR
SUBMARINOS ALEMÃES EM ÁGUAS DE TODO MUNDO**

NAVIO	COORDENADAS	DATA/HORA ^(b)
01. Buarque	36°35'N 75°20'W	15/02-00:45 Dom.
02. Olinda	37°30'N 75°00'W	18/02-14:07 Qua.
03. Cabedello	16°00'N 49°00'W	25/02 Qua.
04. Arabutan	35°15'N 73°55'W	07/03-17:10 Dom.
05. Cayrú	39°10'N 73°02'W	08/03-22:25 Seg.
06. Parnahyba	10°12'N 57°16'W	01/05-16:46 Sex.
07. Com. Lyra ^(c)	02°59'S 34°10'W	18/05-18:30 Qua.
08. Gonçalves Dias	16°09'N 70°00'W	24/05 Dom.
09. Alegrete	13°40'N 61°30'W	01/06-19:51 Seg.
10. Paracuri	17°30'N 68°34'W	05/06 Sex.
11. Não Identificado	n/d	05/06 Sex.
12. Pedrinhas	23°07'N 62°06'W	26/06-19:17 Sex.
13. Tamandaré	11°34'N 60°30'W	25/07-23:15 Sáb.
14. Piave	12°30'S 55°49'W	28/07-16:30 Ter.
15. Barbacena	13°10'N 56°00'W	28/07-20:40 Ter.
16. Baependy	11°50'S 37°00'W	15/08-20:12 Sáb.
17. Araraquara	12°00'S 37°10'W	15/08-22:03 Sáb.
18. Annibal Benévolo	11°41'S 37°21'W	16/08-05:13 Dom.
19. Itagiba	13°20'S 38°40'W	17/08-11:49 Seg.
20. Arará	13°20'S 38°49'W	17/08-16:03 Seg.
21. Não Identificado	13°31'S 38°36'W	17/08-18:37 Seg.
22. Jacira	14°30'S 38°40'W	19/08 Qua.
23. Ozório	00°13'N 47°47'W	27/09-21:10 Dom.
24. Lages	00°13'N 47°47'W	27/09-22:13 Dom.
25. Antonico	00°17'N 52°35'W	28/09 Seg.
26. Porto Alegre	35°27'S 28°02'E	03/11-12:42 Ter.
27. Apalóide	13°11'N 54°39'W	22/11-18:17 Dom.
28. Brasilóide	12°38'S 37°57'W	18/02 Quinta
29. Affonso Penna	16°04'S 36°03'W	02/03-19:01 Ter.

30. Tutóya	24°00'S 47°05'W	01/07 Quinta
31. Pelotaslóide	00°24'S 47°36'W	04/07 Dom.
32. Shangri-lá	Arraial do Cabo	22/07 Qui.
33. Bagé	11°29'S 36°38'W	01/08 Dom.
34. Itapagé	10°20'S 35°45'W	26/09 Dom.
35. Cisne Branco	n/d	26/09 Dom.
36. Campos	24°07'S 43°50'W	23/10 Sáb.
37. Vital de Oliveira	23°20'S 45°09'W	20/07- 00:34 Qui.
38. Camaquã	Costa de Pernambuco	21/07- 09:30 Qui.
39. Bahia	Atlântico Sul	04/07- 09:10 Qua.

(a) As ocorrências 01 à 27 referem-se ao ano de 1942, 28 à 36 ao ano de 1943, 37 e 38 ao ano de 1944 e a 39 ao ano de 1945.

(b) Data/hora de Brasília

(c) Embora torpedeado não afundou, cabendo ao pequeno tênder USS THRUSH em conjunto com o rebocador da Marinha brasileira HEITOR PERDIGÃO rebocar o navio danificado para Fortaleza (CE), enquanto três PBY (Esq. VP-83) davam cobertura em conjunto com os navios USS MILWAUKEE e USS CINCINNATI.

FONTE: www.sentandoapua.com.br

Composição da Força Expedicionária Brasileira e os armamentos que dispunham:

A Força Expedicionária Brasileira foi composta por:

Três Regimentos de Infantaria: São João del Rei, Rio de Janeiro e Caçapava;

3 grupos de artilharia 105mm;

1 grupo de artilharia 155mm;

1 batalhão de Engenharia – 9º Batalhão de Engenharia de Aquidauana, Mato Grosso;

1 esquadrão de reconhecimento;

1 batalhão de saúde – que foi organizado em Valença;

1 companhia de QG (quartel general);

1 companhia de intendência;

1 companhia de transmissões;

1 companhia de manutenção;

1 pelotão de polícia;

1 banda de música;

1 destacamento de saúde e;

1 pelotão de sepultamento.

A 1ª D.I.E. (Divisão de Infantaria Expedicionária) contava com 734 oficiais e 13.520 pracinhas e equipada com:

66 obuses - 54 de 105mm e 12 de 155mm;

144 morteiros - 90 de 60mm e 54 de 80mm;

500 metralhadoras - 87 submetralhadoras 4,5, 175, .30 e 237, .50;

11.741 fuzis - 5.231 carabinas e 6.510 fuzis todos .30;

1.156 pistolas calibre 45;

2.387 armas anti-carro;

13 canhões de 37mm e 57 de 57mm, além de 585 lança - rojões 2.36 e 1.632 lança - granadas e;

72 detectores de minas anti-carro e máscaras contra gases para todo o efetivo;

1.410 viaturas motorizadas, das quais 13 carros blindados M8 e cinco M3 de meia – lagarta.

Para entender melhor a formação das tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial recorremos a estrutura explanada pelo ex-precincha brasileiro Joaquim Xavier da Silveira em seu livro “A FEB por um soldado”

“... A menor unidade é o grupo de combate (GC) – composto de 12 a 14 soldados, comandados por um sargento e às vezes por um cabo. A reunião de três grupos de combate forma um pelotão (PEL), comandado por um oficial 2º ou 1º tenente. A reunião de quatro a cinco pelotões forma uma companhia (CIA); de quatro companhias forma um batalhão (BTL). A reunião de batalhões forma um Regimento (RI) – essa unidade contava também com elementos de serviço e apoio.

A reunião de três regimentos, mais um batalhão de Engenharia de Combate e quatro Grupos de Artilharia, elementos de reconhecimento e serviços forma uma divisão, nos moldes da 1ªDIE (Divisão de Infantaria Expedicionária). Algumas dessas estruturas não estão hoje vigentes, foram modificadas para atender às novas exigências, com a introdução de vários tipos de armas e equipamentos não usados na II Grande Guerra.” (SILVEIRA, Joaquim Xavier. - “A FEB por um soldado” Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989.)

A organização da Força Expedicionária Brasileira na Itália em 5 de dezembro de 1944 (retirado do livro A FEB por um soldado – Joaquim Xavier da Silveira)

“A) Comandante da FEB:

General de Divisão: João Baptista Mascarenhas de Moraes.

1 – Inspetor geral da FEB: General de Brigada Olympio Falconiere da Cunha.

2- Seção Especial do Comando da FEB – Chefe: Major Antônio de Souza Júnior.

3 – Serviço de Saúde da FEB – Chefe: Coronel médico Emanuel Marques Porto.

4- Banco do Brasil – Gerente: Coronel Gastão Detsi.

5 – Pagadoria Fixa – Chefe: Tenente-Coronel I.E. José Paulini.

6- Seção Brasileira de Base – Chefe: Coronel João Pinto Pacca.

a) Depósito de Intendência – Chefe: Tenente-Coronel I.E. Guilhermino Santos Filho.

b) Serviço Postal (Estação Reguladora) – Chefe: Tenente-Coronel Frederico Villeroy França.

B) PRIMEIRA DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA – (1º DIE)

1- Comandante da 1ª DIE: General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.

2- Quartel General da 1ª DIE

a) Estado Maior Geral:

- Chefe do Estado Maior: Coronel Floriano Lima Brayner
- Chefe da 1ª Sec.: Tenente-Coronel João da Costa Braga Júnior
- Chefe da 2ª Sec.: Tenente-Coronel Amaury Kruel
- Chefe da 3ª Sec.: Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castelo Branco
- Chefe da 4ª Sec.: Major Aguinaldo José Senna Campos

b) Estado Maior Especial:

- Ajudante geral: Coronel Oswaldo de Araújo Motta.

- Engenharia: Coronel José Machado Lopes
- Material bélico: Tenente-Coronel Luiz Braga Mury
- Saúde: Tenente-Coronel médico dr. Gilberto Fontes Peixoto
- Intendência: Tenente-Coronel I.E. Fernando Lavaquiel Biosca
- Fundos: Tenente-Coronel Odilon Gomes da Silva
- Guerra Química: Major Manuel Campos Assumpção
- Política: Major Raphael de Souza Aguiar
- Justiça: Tenentes-Coronéis honorários Adalberto Barreto e Eugênio Carvalho do Nascimento
- Auditores: Religioso – padre João Pheeney de Camargo e Silva; Especial – Major R/2 Reynaldo Ramos Saldanha da Gama
- Inspeção Geral: Tenente-Coronel Thales Moutinho da Costa.

c) Tropa Especial:

* Comandante do Q.G. E da Tropa Especial: Tenente-Coronel Armando de Moraes Âncora.

* Comandante do Destacamento de Saúde: Tenente-Coronel médico dr. Augusto Marques Torres.

* Comandante da Companhia do Quartel General: Capitão Tacioto Theóphilo de Oliveira.

*Companhia de Manutenção: Comandante Capitão Gilberto Pessanha.

* 1ª Companhia de Intendência: Comandante Capitão I.E. Victor Felicetti.

* Comandante do 1º Pelotão de Sepultamento: 1º Tenente I.E. Lafayette Vargas Moreira Brasileiro.

* Comandante do Pelotão de Polícia: 1º Tenente R/2 José Sabino Monteiro.

d) Comandante do Depósito Divisionário: Major Zacarias Xavier Muller.

3 – Infantaria Divisionária

- Comandante da I.D./E.1.: General de Brigada Euclydes Zenóbio da Costa

a) Q.G. Da I.D./E.1:

- Chefe do E.M.: Tenente-Coronel João de Almeida Freitas.

b) 1º Regimento de Infantaria:

- Comandante: Coronel Aguinaldo Caiado de Castro

- Subcomandante: Tenente-Coronel Samuel da Silva Pires

- Comandante do I Batalhão: Major Olivio Gondin de Uzeda

- Comandante do II Batalhão: Major Sizeno Sarmento

- Comandante do III Batalhão: Major Franklin Rodrigues de Moraes

c) 6º Regimento de Infantaria:

- Comandante: Coronel João Segadas Vianna

- Subcomandante: Tenente-Coronel João Baptista Rangel

- Comandante do I Batalhão: Major João Carlos Gross

- Comandante do II Batalhão: Major Abilio Cunha Pontes

- Comandante do III Batalhão: Major Silvino Castor da Nóbrega

d) 11º Regimento de Infantaria:

- Comandante: Coronel Delmiro Pereira de Andrade

- Subcomandante: Tenente-Coronel Mário Tasso Sayão Cardoso
- Comandante do I Batalhão: Major Jacy Guimarães
- Comandante do II Batalhão: Major Orlando Gomes Ramagem
- Comandante do III Batalhão: Major Cândido Alves da Silva

4 – Artilharia Divisionária:

- Comandante da A.D./E. I: General de Brigada Oswaldo Cordeiro de Farias.

a) Q.G. da A.D./E.1: Chefe do E.M. - Coronel Emilio Rodrigues Ribas Junior.

* Chefe da 1ª Sec.: Major João Manoel Lebrão

* Chefe da 2ª Sec.: Major Antonio de Mendonça Molina

* Chefe da 3ª Sec.: Coronel Nestor Penha Brasil

* Chefe da 4ª Sec.: Tenente-Coronel Affonso Henrique de Miranda Corrêa.

b) I Grupo de Artilharia: Comandante: Tenente-Coronel Waldemar Levy Cardoso; Subcomandante: Major Anísio Martins de Oliveira.

c) II Grupo de Artilharia: Comandante: Coronel Geraldo da Camino; Subcomandante: Major Custódio de Oliveira.

d) III Grupo de Artilharia: Comandante: Coronel José de Souza Carvalho; Subcomandante: Major Heitor Borges Fontes.

e) IV Grupo de Artilharia: Comandante: Tenente-Coronel Hugo Panasco Alvim; Subcomandante: Major Ney Caldas Cerqueira.

f) Esquadilha de Ligação e Observação: Comandante: Capitão Aviador João Affonso Fabrício Belloc.

5 – 9º Batalhão de Engenharia:

- Comandante: Coronel José Machado Lopes; Subcomandante: Major Affonso Augusto de Albuquerque Lima.

6 – 1º Batalhão de Saúde:

- Comandante: Tenente-Coronel médico Bonifácio Antonio Borba; Subcomandante: médico João Maliceski Júnior.

7- 1º Esquadrão de Reconhecimento:

- Comandante: Capitão Flávio Franco Ferreira, substituído pelo Capitão Plínio Pitaluga.

8 – 1ª Companhia de Transmissões:

- Comandante: Mario da Silva Miranda

C) CONSELHO SUPERIOR DE JUSTIÇA MILITAR:

- presidente: General de Divisão Boanerges Lopes de Souza.”

Dados numéricos da FEB	
Efetivos totais	25.334
Prisioneiros capturados	20.573
Integrantes da F.E.B. aprisionados pelo inimigo	35
Feridos em combate	2.722
Mortos da FEB	457
Extraviados/desaparecidos	23

Obs.: No número de feridos não está incluso os doentes baixados a hospitais. Estes foram 9.584 dos quais 9.234 foram para clínica médica e 350 para o Posto Avançado de Neuropsiquiatria. As percentagens dos casos neuropsiquiátricos sobre o total: 3,28% dos casos sobre os de clínica médica 2,32% dos casos sobre a tropa em ação de combate e 1,38 dos casos sobre o total da tropa da F.E.B. (Fonte: A FEB por um soldado – Joaquim Xavier Silveira)

Fonte: Exército Brasileiro (<http://www.exercito.gov.br/03Brafor/feb/indice.htm>)

As estampas Eucalol

As imagens que ilustram as passagens deste livro reportagem são cartões que foram criados pela empresa Eucalol. Esses cartões que era confeccionados em papelão era mania entre as crianças. Uma das séries de maior sucesso distribuídas pela empresa foi a série histórica sobre a participação brasileira na segunda guerra. Era comum entre as crianças da época colecionarem essas estampas e também trocá-las e brincar com as mesmas.

A empresa responsável pela criação e emissão das estampas ou “cartinhas” era a Perfumaria Myrta S/A, do Rio de Janeiro que começou com essa prática em 1928 com uma série sobre outro assunto. As cartinhas podiam ser coloridas e em preto e branco (no caso da F.E.B. a série foi confeccionada toda colorida) acompanhavam o Sabonete Eucalol – três sabonetes em cada caixa com três estampas – e o Creme Dental Eucalol – uma estampa por tubo.

Com a entrada do Brasil na segunda guerra mundial a empresa Eucalol começou a distribuir as estampas em homenagem a Força Expedicionária. Essas estampas retratavam a História da F.E.B. desde a formação das tropas até o fim dos conflitos e a mudança de governo no pós-guerra, passando pelos principais feitos dos pracinhas em solo italiano. As imagens eram acompanhadas de um texto descritivo no verso explicando do que se tratava a cena desenhada na frente da cartinha. Foram sete séries de imagens, totalizando 42 ilustrações feitas por Willy von Paraski e impressas pela Gráfica F. Lanzarra – São Paulo -, Litográfica Rebizzi e Gráfica Mauá, ambas do Rio de Janeiro, e algumas outras não tão grandes. Vinculada a produtos de primeira necessidade, a publicação desse material contribuiu para levar a imagem da Força Expedicionária a um grande número de pessoas contribuindo para a popularização dos soldados e seus feitos em solo estrangeiro.

MEDALHAS:

Medalhas criadas pelo Exército Brasileiro para homenagear e condecorar os soldados brasileiros que combateram no Teatro de Operações na Itália:



“Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe

A Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe teve como finalidade agraciar os militares que se distinguiram em ação, praticando atos de bravura ou revelando espírito de sacrifício no desempenho de missões em combate.

Tendo em vista os problemas havidos por ocasião da desmobilização, muitos militares deixaram de receber as suas condecorações, sendo que, em 1975, 57 o Diretor de Contencioso de Pessoal do Departamento Geral de Pessoal (DGP), por meio do Ofício nº 4467-S/2, de 24 de dezembro daquele ano, remeteu para o Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, 35 dessas medalhas, restando ainda hoje 10 medalhas, concedidas entre 01 de fevereiro de 1946 e 05 de julho de 1948, cujos agraciados ou parentes jamais reivindicaram.

Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe



A Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe teve como finalidade agraciar os militares participantes de feitos excepcionais praticados em conjunto por vários militares.

Em 1976, o Diretor de Contencioso de Pessoal do Departamento Geral de Pessoal (DGP), por meio do Ofício nº 0029-S/2, de 07 de janeiro daquele ano, remeteu para o Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, 343 dessas medalhas, restando ainda hoje 133 medalhas, tendo sido uma delas concedida em 30 de abril de 1945 e as demais concedidas entre 12 de fevereiro de 1946 e 28 de abril de 1961, cujos agraciados ou parentes jamais reivindicaram.

Medalha de Campanha



A Medalha de Campanha teve como finalidade agradecer os militares da ativa, da reserva e assemelhados que participaram de operações de guerra no Teatro de Operações da Itália sem nota desabonadora. A data inscrita na frente da medalha, “16-VII-1944”, é a data em que o 1º Escalão da FEB desembarcou em Nápoles, na Itália.

Entre 13 de janeiro e 08 de março de 1976, o Diretor de Contencioso de Pessoal do Departamento Geral de Pessoal (DGP), por meio de 13 ofícios daquele ano, remeteu para o Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, 6.640 dessas medalhas, restando ainda hoje 3.802 medalhas, cujos agraciados ou parentes jamais reivindicaram.

O Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil, de 1º de abril de 1946, publicou a concessão da Medalha de Campanha para diversos militares da FEB.

Medalha de Guerra



A Medalha de Guerra teve como finalidade agradecer os oficiais da ativa, da reserva e reformados, e ainda os civis que prestaram serviços relevantes de qualquer natureza, referentes ao esforço de guerra, preparo de tropa ou desempenho de missões especiais confiadas pelo governo dentro ou fora do país.

A data inscrita no verso da medalha, “22-VIII-1942”, é a data em que o Brasil declarou guerra à Alemanha e Itália.

Em 1976, o Diretor de Contencioso de Pessoal do Departamento Geral de Pessoal (DGP), por meio do Ofício nº 1068-S/2, de 17 de março daquele ano, remeteu para o Presidente da Associação Nacional dos Veteranos

da FEB, 502 dessas medalhas, restando ainda hoje 381 medalhas, cujos agraciados ou parentes jamais reivindicaram.

Medalha Sangue do Brasil



A Medalha Sangue do Brasil foi criada pelo Decreto-Lei nº 7.709, de 05 de julho de 1945, e a sua finalidade foi a de agraciar os oficiais, praças, assemelhados e civis, destacados no Teatro de Operações da Itália, que receberam ferimento de guerra, em consequência da ação objetiva do inimigo.

Regra geral, todos os militares que compuseram a FEB, sem nota desabonadora, fizeram jus à Medalha de Campanha, todos os que foram feridos em Combate, fizeram jus à Medalha Sangue do Brasil e todos os militares que morreram em combate fizeram jus a Medalha Sangue do Brasil e a Cruz de Combate de 2ª Classe.

Da mesma forma, foram também agraciados com a Medalha Sangue do Brasil, os militares do Exército que morreram no naufrágio do navio mercante Baependi, em 15 de agosto de 1942.

Em 1975, o Diretor de Contencioso de Pessoal do Departamento Geral de Pessoal (DGP), por meio do Ofício nº 4490-S/2, de 31 de dezembro daquele ano, remeteu para o Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, 620 dessas medalhas, restando ainda hoje 374 medalhas, cujos agraciados ou parentes jamais reivindicaram.”

FONTE: SANTOS, Wellington Corlet. *A desmobilização da Força Expedicionária Brasileira e suas consequências político-sociais no Brasil de 1945 a 1965*. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Escola Marechal Castello Branco. Rio de Janeiro. 2008.

REFERÊNCIA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Estampa do sabonete Eucalol. Disponível em:

http://www.brasilcult.pro.br/historia/feb/imagens/Serie249_01.jpg Acesso em:

15/05/2013

IMAGEM 2 - Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, discursando na III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas declarando o rompimento das relações diplomáticas por parte do Brasil para com o Eixo. Disponível em: CPDOC/FGV – Fundação Getúlio Vargas

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/fotos/Diretrizes_do_Estado_Novo/A_guerra_no_Brasil/Reuniao_de_chanceleres/oafoto257_2.jpg Acesso em: 26 de agosto de 2009

IMAGEM 3 - CAPITÃO HARRO SCHACHT

Disponível em: <http://uboa.net/men/schacht.htm> Acesso em: 31/07/2009

IMAGEM 4 – MAPA GERAL DOS ATAQUES AOS NAVIOS BRASILEIROS.

GABRIEL, Luis Gustavo. Disponível em:

<http://www.sentandoapua.com.br/joomla/content/view/56/104/> Acesso em: 31/07/2009

IMAGEM 5 - O GLOBO – o jornal noticiou o torpedeamento dos navios brasileiros.

Data: 18/08/1942

IMAGEM 6 – DECRETO DE GUERRA PARTE I Arquivo: Fundação Getúlio Vargas CPDOC/FGV. Disponível em:

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_pop_adbr5.htm Acesso em: 05/03/2009

IMAGEM 7 – DECRETO DE GUERRA PARTE II Arquivo: Fundação Getúlio Vargas CPDOC/FGV. Disponível em:

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_pop_adbr6.htm Acesso em: 05/03/2009

IMAGEM 8 - Capa do jornal **O GLOBO** que anuncia o reconhecimento brasileiro ao Estado de beligerância contra o Eixo.

IMAGEM 9 - Os generais brasileiros que comandariam as tropas brasileiras no Teatro de Operações na Itália. Da esquerda para direita: Cordeiro de Farias, Zenóbio da Costa, Mascarenhas de Moraes e Olímpio Falconiere da Cunha. Disponível em: CPDOC/FGV – Fundação Getúlio Vargas http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/fotos/Diretrizes_do_Estado_Novo/O_Brasil_na_guerra/FEB/cfafoto183_3.jpg Acesso em: 26/08/2009

IMAGEM 10 – TABELA DA CONTRIBUIÇÃO POR ESTADOS BRASILEIROS PARA A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA. Disponível em: SANTOS, Wellington Corlet dos. **A DESMOBILIZAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICO-SOCIAIS NO BRASIL ENTRE 1945 E 1965.** Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2008.

IMAGEM 11 – Estampa do sabonete Eucalol. Disponível em: http://www.brasilcult.pro.br/historia/feb/imagens/Serie249_02.jpg Acesso em: 15/05/2013

IMAGEM 12 - Insígnia da Força Expedicionária Brasileira – A cobra fumando cachimbo. CPDOC/FGV Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: [http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/fotos/Diretrizes_do_Estado_Novo/O_Brasil_na_guerra/FEB/cda_doadorA-M\(30-45\).jpg](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/fotos/Diretrizes_do_Estado_Novo/O_Brasil_na_guerra/FEB/cda_doadorA-M(30-45).jpg) Acesso em: 26/08/2009

IMAGEM 13 – A COBRA FUMANDO DESENHADA POR WALT DISNEY PARA O JORNAL “O GLOBO” Disponível em: http://www.anvfeb.com.br/Disney_r1_c1.jpg ;
http://www.anvfeb.com.br/Disney_r1_c2.jpg ;
http://www.anvfeb.com.br/Disney_r1_c3.jpg ;
http://www.anvfeb.com.br/Disney_r1_c4.jpg ;
http://www.anvfeb.com.br/Disney_r1_c5.jpg ;
Acesso em: 15/03/2009

IMAGEM 14 – Estampa do sabonete Eucalol Disponível em:

http://www.brasilcult.pro.br/historia/feb/imagens/Serie249_03.jpg Acesso em:

15/05/2013

IMAGEM 15 - Desembarque de tropas do 2º Escalão da FEB em Nápoles, Itália.

Disponível em: CPDOC/FGV – Fundação Getúlio Vargas

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/fotos/Diretrizes_do_Estado_Novo/O_Brasil_na_guerra/FEB/hbfoto062_18.jpg Acesso em: 26/08/2009

IMAGEM 16 – SOLDADO BRASILEIRO UNIFORMIZADO. Disponível em:

http://www.19csm.eb.mil.br/feb/brasil_febun11iforme.jpg Acesso em: 30/03/2009

IMAGEM 17 – Cartão de racionamento brasileiro usado na Segunda Guerra Mundial – Acervo Pessoal do Expedicionário Waldemar Soares de Almeida

IMAGEM 18 - Cartão de racionamento brasileiro usado na Segunda Guerra Mundial – Acervo Pessoal do Expedicionário Waldemar Soares de Almeida

IMAGEM 19 – Estampa do Sabonete Eucalol – Disponível em:

http://www.brasilcult.pro.br/historia/feb/imagens/Serie252_01.jpg Acesso em:

15/05/2013

IMAGEM 20 – Osvaldo Birocchi – pracinha da Força Expedicionária Brasileira.

Acervo pessoal do Expedicionário.

IMAGEM 21 – Major Elza Cansanção Medeiros – Enfermeira da F.E.B. Acervo pessoal da Major.

IMAGEM 22 – 2º Tenente Carmem Bebiano. Em: VALADARES, Altamira Pereira.

ÁLBUM BIOGRÁFICO DAS FEBIANAS. Batatais-SP, Centro de Documentação

Histórica do Brasil, 1976. Disponível em: http://www.anvfeb.com.br/enf_carmem

Acesso em: 12/09/2009

IMAGEM 23 - 2º Tenente Ignácia de Mello Braga Em: VALADARES, Altamira

Pereira. **ÁLBUM BIOGRÁFICO DAS FEBIANAS.** Batatais-SP, Centro de

Documentação Histórica do Brasil, 1976. Disponível em:

http://www.anvfeb.com.br/enf_ignacia_de_mello_braga.htm Acesso em: 12/09/2009

IMAGEM 24 - 2º Tenente Virginia Portocarrero Em: VALADARES, Altamira Pereira. **ÁLBUM BIOGRÁFICO DAS FEBIANAS**. Batatais-SP, Centro de

Documentação Histórica do Brasil, 1976. Disponível em:

http://www.anvfeb.com.br/enf_virginia_maria_de_niemeyer_portocarrero.htm Acesso em: 12/09/2009

IMAGEM 25 - 2º Tenente Antonieta Ferreira Em: VALADARES, Altamira Pereira. **ÁLBUM BIOGRÁFICO DAS FEBIANAS**. Batatais-SP, Centro de Documentação Histórica do Brasil, 1976. Disponível em:

http://www.anvfeb.com.br/enf_antonieta_ferreira.htm Acesso em: 12/09/2009

IMAGEM 26 - Estampa do Sabonete Eucalol – Disponível em:

http://www.brasilcult.pro.br/historia/feb/imagens/Serie251_06.jpg Acesso em: 15/05/2013

IMAGEM 27- Estampa do Sabonete Eucalol – Disponível em:

http://www.brasilcult.pro.br/historia/feb/imagens/Serie250_04.jpg Acesso em: 15/05/2013

IMAGEM 28 – Selos produzidos pela ECT em homenagem a Força Expedicionária Brasileira. Disponível em: <http://www.luizberto.com/wp-content/feb.jpg> Acesso em: 15/05/2013

IMAGEM 29 – EXEMPLAR DO JORNAL “...E A COBRA FUMOU!” – Acervo do Expedicionário Justino Alfredo

IMAGEM 30 – JORNAL “SENTA A PUA” – FOLHA 1 – JORNAL ELABORADO E EDITADO PELO 1ºGAvCA. Disponível em :

http://www.mauxhomepage.net/imagens2/sentapua_1ed.jpg Acesso em: 15/05/2013

IMAGEM 31 – JORNAL “A TOCHA” Disponível em:

http://www.rudnei.cunha.nom.br/FEB/fotos/jornal_a_tocha.jpg Acesso em: 26/09/2009

IMAGEM 32 – JORNAL “SAMPAIO” Disponível em:

http://www.rudnei.cunha.nom.br/FEB/fotos/jornal_sampaio.jpg Acesso em: 26/09/2009

IMAGEM 33 – CORRESPONDENTES DE GUERRA. Disponível em:

http://www.anvfeb.com.br/rubem_braga.htm Acesso em: 31/07/2009

IMAGEM 34 – Estampa do Sabonete Eucalol. Disponível em:

http://www.brasilcult.pro.br/historia/feb/imagens/Serie255_03.jpg Acesso em:

15/05/2013

IMAGEM 35 – Desembarque do 2º Escalão da FEB no Rio de Janeiro. 22 de agosto de 1945. Acervo: 3º Sargento Waldemar Soares de Almeida.

IMAGEM 36 - Primeira página do jornal O GLOBO, de 18 de julho de 1945, noticiando a chegada ao Brasil do 1º Escalão da FEB. Fonte: O Brasil na II Guerra Mundial – O GLOBO Expedicionário. Agência O GLOBO Serviços de Imprensa Ltda. Rio de Janeiro. p.139.

IMAGEM DE 37 A 104 – Montagem – Monumentos espalhados pelo Brasil. Fotos obtidas no site da ANVFEB Disponível em ANVFEB

<HTTP://anvfeb.com.br/outrosmonumentos> Acesso em: 01/11/2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUSTO, Boris. **História do Brasil** – 2. Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. pág. 371

SILVEIRA, Joel. **SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: Todos erraram, inclusive a FEB**. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1989. 224 p.

SILVEIRA, Joel. **O INVERNO DA GUERRA**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2005. 171 p.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB POR UM SOLDADO**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989. 353 p.

BRAGA, Rubem. **CRÔNICAS DA GUERRA NA ITÁLIA**. Rio de Janeiro : 3ª Edição, Record, 1996. 336 p.

MORAIS, João Batista Mascarenhas de. **MEMÓRIAS**. Rio de Janeiro, Editora Bibliex. 1984

SCHLEE, Andrey Rosenthal; COSTA, Graciete Guerra da; RODRIGUES FILHO, Antonio da Silva. **ARQUITETURA DA BASE AÉREA DE NATAL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**. Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. 18 p.

SANTOS, Wellington Corlet dos. **A DESMOBILIZAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICO-SOCIAIS NO BRASIL ENTRE 1945 E 1965**. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2008.

SITES:

ANVFEB: www.anvfeb.com.br

GRACIANI, R. Roberto. **CAMPANHA DA FEB.** Disponível em:
<http://www.anvfeb.com.br/campanhadafeb.htm> Acesso em 14 de setembro de 2009

GRACIANI, R. Roberto. **LEIS.** Disponível em:
<http://www.anvfeb.com.br/leis.htm> Acesso em 14 de setembro de 2009

GRACIANI, Roberto. **CAMPANHA DA FEB.** Disponível em:
<http://www.anvfeb.com.br/campanhadafeb> Acesso em 14 de setembro de 2009

GAZETA DO POVO – PARANÁ – ONLINE:

SANTOS JR., Edson Gil. **PRACINHAS TERÃO REDUÇÃO NO VALOR DA APOSENTADORIA.** Ponta Grossa, PR. 16/12/2008. Disponível em:
<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=838525&tit=Pracinhas-terao-reducao-no-valor-da-aposentadoria> Acesso em: 29/10/2009

VEJA online:

CAMPOS JUNIOR, Celso de.; HOSHINO, Raquel; AZEVEDO, Dalva; RAMOS, Adriano; DAMIAN, Guilherme; HOSHINO, Alexandre; LEPIANI, Giancarlo. **ESPECIAL II GUERRA MUNDIAL.** Abril, 2005. Disponível em:
http://veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/html_edicoes.shtml Acesso em: 21 de julho de 2009

SENTANDO A PUA:

GABRIEL, Luis Gustavo. **TABELA DE NAVIOS BRASILEIROS AFUNDADOS.** Disponível em: <http://www.sentandoapua.com.br/joomla/content/view/55/96/> Acesso em: 20/09/2009

GABRIEL, Luis Gustavo. **O BRASIL NA GUERRA – DATAS 1941-1942.** Disponível em: <http://www.sentandoapua.com.br/joomla/content/view/23/96/> Acesso em: 20/09/2009

GABRIEL, Luis Gustavo. **O BRASIL NA GUERRA – DATAS 1943.** Disponível em: <http://www.sentandoapua.com.br/joomla/content/view/34/96/> Acesso em 20/09/2009:

GABRIEL, Luis Gustavo. **O BRASIL NA GUERRA – DATAS 1944.** Disponível em: <http://www.sentandoapua.com.br/joomla/content/view/35/96/> Acesso em: 20/09/2009

GABRIEL, Luis Gustavo. **O BRASIL NA GUERRA – DATAS 1945.** Disponível em: <http://www.sentandoapua.com.br/joomla/content/view/36/96/> Acesso em: 20/09/2009

SEGUNDAGUERRA.ORG:

LUIZ, André. **ESTAMPAS EUCALOL.** Segundaguerra.org, 2009. Disponível em: www.segundaguerra.org/feb-estampas-eucalol Acesso em: 31/07/2009

NAVSOURCE ONLINE: SERVICE SHIP PHOTO ARCHIVE:

SMOLINKSI, Mike. **USS GENERAL W. A. MANN (T-AP-112)** Disponível em: <http://www.navsourc.org/archives/09/22/22112.htm> Acesso em: 17/09/2009

USNS GENERAL M. C. MEIGS (T –AP-116) Disponível em: <http://www.navsourc.org/archives/09/22/22116.htm> Acesso em: 17/09/2009

Fundação Getúlio Vargas / Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil:

FGV/CPDOC, **DIRETRIZES DO ESTADO NOVO (1937-1945) O BRASIL NA GUERRA.** Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_brnaguerra001.htm Acesso em: 15/03/2009

FGV/CPDOC, **FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**. Disponível em:
http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_brnaguerra_feb.htm Acesso
em: 15/03/2009

MATOS, Meira. **O BRASIL NA II GUERRA MUNDIAL**. Disponível em:
http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_brnaguerra_feb.htm Acesso
em: 15/03/2009

Exército Brasileiro:

Exército Brasileiro, **HISTÓRICO**. Disponível em:
<http://www.exercito.gov.br/01inst/feb/indice.htm>
Acesso em: 03/05/2009

COSTA, General Octavio. **JORNAL DA GUERRA**. Disponível em:
<http://www.exercito.gov.br/01inst/feb/octavio.htm> Acesso em: 03/05/2009

OLIVEIRA, Cel. Iporan Nunes de. **A CONQUISTA DE MONTESE**. Disponível em:
<http://www.exercito.gov.br/01inst/feb/montese.htm> Acesso em: 03/05/2009

BENEDETTI, Cel. Art. Emir. **OS MONUMENTOS E O MUSEU DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA ITÁLIA**. Disponível em:
<http://www.exercito.gov.br/01inst/feb/museu.htm> Acesso em: 03/05/2009

GUIA DO ESTUDANTE:

DARMAROS, MARINA. **U-507, O ALGOZ DO BRASIL**. Disponível em:
<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/u-507-algoz-brasil-647965.shtml>
Acesso em: 14/05/2013